

UFRRJ

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS
SOCIAIS**

DISSERTAÇÃO

Exu na Umbanda: da demonização à legitimação.

José Ricardo Sales

2020



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

EXU NA UMBANDA: DA DEMONIZAÇÃO À LEGITIMAÇÃO.

JOSÉ RICARDO SALES

Sob a orientação da professora

Carly Barboza Machado

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Seropédica, RJ
Dezembro de 2020

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S 163 Sales, José Ricardo, 1954-
e Exu na Umbanda: da demonização à legitimação / José
Ricardo Sales. - RIO DE JANEIRO, 2020.
73 f.

Orientadora: Carly Barboza Machado.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós graduação em
Ciências Sociais, 2020.

1. Religião. 2. Umbanda. 3. Literatura Umbandista.
4. Exu. I. Barboza Machado, Carly, 1975-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Programa de Pós graduação em Ciências Sociais III.
Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

JOSÉ RICARDO SALES

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Ciências Sociais.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 28/12/2020

Conforme deliberação número 001/2020 da PROPPG, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de assinaturas, através do SIPAC, ou do Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e neste caso a folha com a assinatura deve constar como anexo ao final da tese / dissertação

Carly Barboza Machado (Dra) UFRRJ (orientadora)

Ana Paula Alves Ribeiro (Dra) UERJ

Cleiton Machado Maia (Dr.) UERJ

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a DEUS e ao Mestre JESUS pela misericórdia em permitir que eu continuasse a minha jornada, apesar da doença séria. Obrigado a Mãe Santíssima e aos meus queridos Orixás que estiveram junto a mim nos momentos mais difíceis, me dando forças e esperanças.

Agradeço aos meus queridos Mentores e Mentoras Espirituais que estão constantemente junto a mim, me guiando, me inspirando, me protegendo, no que reconheço precisam ser muito pacientes e persistentes.

Agradeço e dedico este trabalho aos meus queridos (a) Exu Tranca Ruas das Almas, Exu Caveira e a Senhora Ciganinha da Estrada, meus Guardiões e Guardiã, incansáveis no apoio que me deram para a conclusão desta dissertação. Obrigado por me fazerem sentir a sua presença próxima, me inspirando e me dando forças para seguir em frente.

Um agradecimento mais que especial a minha orientadora Carly Machado. Minha amiga, gratidão eterna! e para um reencarnacionista esta afirmação tem muito peso. Lembrome naquela tarde de 2018 ou talvez de 2017 quando te falei que tinha sido diagnosticado com câncer, cheio de dúvidas em relação ao futuro, você me deu tanta força, uma injeção de ânimo tão grande que sai da conversa, revigorado. Muito obrigado pelos ensinamentos, pela paciência, pela ajuda incansável. Agradeço a Deus por me ter colocado junto a alguém com tanto sentimento de humanidade. Minha amiga, Deus abençoe sempre a sua vida. Muito obrigado.

Agradeço a minha querida mãezinha, Dulce, muito inteligente, que mesmo aos 95 anos me incentivava a prosseguir no mestrado, pois sabia da importância para mim. Contudo, não pôde estar comigo no momento da conclusão do curso devido ao seu falecimento em 2019.

Agradeço a minha querida esposa Angela, fundamental no apoio para que eu tivesse tranquilidade para pesquisar e escrever, obrigado pela paciência nas longas horas que precisava estar sozinho, muito obrigado por trazer aquele café quente naqueles momentos que o cansaço chegava. Agradeço aos meus filhos Ricardo, Rafael e Rômulo, a minha netinha Lavígnia e ao meu irmão George pela torcida e pelas orações para que tanto o tratamento como o mestrado terminassem bem.

Agradeço aos amigos, professores do Colégio Naval: Ivan que assim que passei para o mestrado foi o primeiro a vir me dar as primeiras orientações me repassando sua experiência.

Rafael e Victor sempre me cobrando: “Sales, tá escrevendo? Vai escrever Sales”. Agradeço também ao Bartolomeu, à Shirlane e à Daisy sempre preocupados, passando boas energias.

Agradeço à amiga Adriana Gomes, pós-doutora em história, que sempre se colocou a disposição para me ajudar com sua grande experiência em pesquisa.

Às companheiras e companheiros da UFRRJ, instituição que graças ao nosso PPGCS aprendi a ter muito carinho. Agradeço: ao professor Edson Miagusko, primeiro que acreditou na minha proposta; a professora Flávia sempre amiga, humana, a delicadeza em pessoa; à professora Naylane que me passou tranquilidade no final da sua disciplina, quando estive na iminência de ser operado; à professora Marta que brilhantemente apresentou a antropologia a este professor de história; às queridas amigas de turma Bruna e Joyce até hoje sempre preocupadas comigo, além de passarem muitas informações sobre a sociologia; outra querida amiga de turma Laryssa sempre prestativa, me ajudando a desenrolar as questões burocráticas do programa. E finalmente agradeço ao funcionário administrativo do PPGCS, Lima, procurando resolver os problemas sempre com cordialidade, não vou esquecer que no dia 24 de dezembro de 2020, à tarde, Ele estava trabalhando agilizando para que eu pudesse como ocorreu, defender minha dissertação no dia 28 de dezembro.

Agradeço à Banca, professora Ana Paula Alves Ribeiro e professor Cleiton Machado Maia pelas importantes orientações tanto na qualificação como na defesa da dissertação e por se colocarem a disposição de estarem na última semana do ano, participando da Banca.

E encerrando, agradeço a todos os participantes do grupo de orientandos e ex-orientandos, aglutinados em torno da Professora Carly, pela convivência alegre, pelos felizes encontros de final de ano, infelizmente interrompidos pela pandemia, mas tenho esperança que em breve retornarão. Desejo sucesso a esses jovens companheiras e companheiros.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

DEUS ABENÇOE A TODOS VOCÊS.

RESUMO

SALES, José Ricardo. **Exu na Umbanda: Da demonização à legitimação**. 2020. 73p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2020.

O objeto principal deste trabalho é a umbanda, em particular o processo de demonização e legitimação da entidade Exu neste campo religioso. O foco desta pesquisa se coloca sobre a Literatura Umbandista. Amplamente analisada a partir de seus rituais, a Umbanda é também uma religião marcada por um esforço de legitimação através da sistematização escrita em livros de suas bases teóricas. Neste trabalho proponho uma análise da Literatura Umbandista sobre o Exu, de modo a discutir como por dentro dessa literatura é possível acompanhar a demonização desta entidade, bem como sua legitimação. Assim sendo, a presente dissertação se dedica a uma análise da entidade Exu por dentro do campo de intelectuais umbandistas, e seus livros. No primeiro capítulo analisarei o Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda (1941), procurando mostrar o esforço dos intelectuais umbandistas deste período para codificar a Umbanda, sistematizando sua ritualística. O segundo capítulo propõe-se a análise das transformações da entidade de Exu na Umbanda através da literatura umbandista, e analisar como os primeiros intelectuais umbandistas após o Primeiro Congresso, na tentativa de criar uma base teórica doutrinária para a Umbanda e no que se refere a Exu, contribuíram para a demonização desta Entidade com suas interpretações sobre o seu significado. A proposta do terceiro capítulo dessa dissertação é investigar Exu na literatura umbandista da atualidade e analisar como vem ocorrendo a ressignificação desta entidade que cada vez mais se afasta da visão diabólica cunhada ao longo da história, dado o fato de que estão sendo lançados muitos livros com esta temática e estes têm uma importância crucial para que esta mudança de paradigma venha ocorrendo.

Palavras-chave: Religião - Umbanda – Literatura Umbandista – Exu.

ABSTRACT

SALES, José Ricardo. **Exu in Umbanda Religion: From demonization to legitimation**. 2020. 73p. Dissertation (Master Science in Social Sciences) Institute of Humanities and Social Sciences, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2020.

The main object of this work is umbanda, in particular the process of demonization and legitimization of the entity Exu in this religious field. The focus of this research is on Umbanda Literature. Widely analyzed from its rituals, Umbanda is also a religion marked by an effort to legitimize through systematization written in books of its theoretical bases. In this work, I propose an analysis of Umbandista Literature on Exu, in order to discuss how inside this literature it is possible to follow the demonization of this entity, as well as its legitimation. Therefore, this dissertation is dedicated to an analysis of the entity Exu within the field of Umbanda intellectuals, and their books. In the first chapter I will analyze the First Brazilian Congress of Spiritism in Umbanda (1941), trying to show the effort of Umbanda intellectuals of this period to codify Umbanda, systematizing its ritual. The second chapter proposes the analysis of the transformations of the entity of Exu in Umbanda through the Umbanda literature, and to analyze how the first Umbanda intellectuals after the First Congress, in an attempt to create a theoretical doctrinal basis for Umbanda and with regard to Exu, contributed to the demonization of this Entity with their interpretations of its meaning. The purpose of the third chapter of this dissertation is to investigate Exu in the Umbanda literature of today and analyze how this entity has been reframing itself, which is increasingly moving away from the diabolic vision coined throughout history, given the fact that many books are being launched with this theme and they are of crucial importance for this paradigm shift to occur.

Keywords: Religion - Umbanda - Umbandista Literature – Exu.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
I – O PRIMEIRO CONGRESSO DE UMBANDA: A PROCURA DE UMA IDENTIDADE PARA A UMBANDA	16
1.1 Antecedentes do primeiro congresso (1941)	17
1.2 O Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda (1941)	20
1.3 Umbanda, desafricanização e o Kardecismo	23
1.4“Tata Tancredo e a Umbanda Omolocô”.....	26
1.5 A escrita na e da Umbanda.....	27
1.6 Exu na escrita da Umbanda, e as primeiras disputas.....	31
II – A TRAJETÓRIA DE EXU NA LITERATURA UMBANDISTA: OS ESCRITORES PIONEIROS – ANOS 40, 50, 60 E 70.	34
2.1 A Trajetória de Exu na Literatura Umbandista: os escritores umbandistas pioneiros.....	38
2.2 A demonização de Exu na literatura umbandista	39
2.3 Primeiros passos da desconstrução da demonização de Exu nos livros da Umbanda.....	44
III- A TRAJETÓRIA DE EXU NA LITERATURA UMBANDISTA: OS SACERDOTES ESCRITORES UMBANDISTAS DA ATUALIDADE	51
3.1 Francisco Rivas Neto	51
3.2 - Rubens Saraceni	53
3.3 Diamantino Trindade	56
3.4 Alexandre Cumino.....	58
3.5 Norberto Peixoto	60
3.6 Exu no Romance Umbandista.....	62
3.6 Conclusão do capítulo	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70
ANEXOS	73

INTRODUÇÃO

O objeto principal deste trabalho é a umbanda, em particular o processo de demonização e legitimação da entidade Exu neste campo religioso. Este é um tema de pesquisa bastante diversificado e ano a ano crescem as publicações sobre este assunto, não só na academia como também no âmbito nativo, com o lançamento de vários livros, revistas, jornais, boletins informativos dos templos ou “terreiros” e principalmente na internet com inúmeros blogs, sites ou canais no Youtube. Mesmo assim, este campo religioso ainda apresenta muitas possibilidades de pesquisa embora esta tarefa não seja tão simples, pois como destaca o professor e pesquisador de religiões de matriz africana Vagner Gonçalves da Silva:

reconstituir o processo histórico de formação das religiões afro-brasileiras não é uma tarefa fácil porque como são religiões oriundas de segmentos marginalizados da sociedade brasileira como índios, negros e pobres em geral, perseguidos durante muito tempo, há poucos documentos históricos sobre elas e entre esses, os mais frequentes são os produzidos por instituições que combateram essas religiões e as apresentam de forma preconceituosa e com suas verdadeiras características desvirtuadas. (SILVA, 2005, p.12)

O fato de vozes contrárias às religiões afro-brasileiras serem as principais enunciadoras de sua história pode ser elencada como uma das principais causas para cada vez mais grassar a intolerância religiosa na nossa sociedade. Logicamente, não podemos deixar de acrescentar o forte preconceito existente na sociedade brasileira como uma dessas causas, no chamado racismo religioso. Nesse sentido, nas várias representações de que se compõem essas religiões, destacaremos a Umbanda e particularmente um integrante do seu panteão: Exu.

O Orixá Exu com certeza é a divindade mais controversa da Umbanda. Existem várias teorias sobre Exu, desde a sua origem até sua personalidade, suas características e seus atributos. Exu é o Orixá da ação e do movimento, é dinâmico, tanto que no idioma iorubá exu significa esfera (Trindade, 2013:92).

Exu é um orixá de difícil interpretação. Nesse sentido, vários pesquisadores que se propuseram a estudá-lo, tiveram dificuldades para definir um padrão para Exu. O cerne da questão, talvez influenciado pela concepção judaico-cristã, é se o Orixá Exu é bom ou mau.

Esse objeto de pesquisa, embora cada vez mais estudado, ainda dá margem para várias interpretações não só entre os pesquisadores, mas também entre os seguidores dessas religiões.

O pesquisador Ricardo Mariano (2007) analisa essas interpretações:

Uma das razões do baixo prestígio e da menor aceitação social dessas religiões reside no fato de que as entidades afro-brasileiras- em especial exus e pombagiras- (...) foram ao longo de boa parte da história brasileira, identificados com a magia negra, a feitiçaria e com a intervenção maléfica de espíritos demoníacos sobre as pessoas. Heranças do passado escravista e da satanização católica contra os grupos afros, suas entidades, crenças e práticas religiosas, tais estigmas e preconceitos continuam vivos e fortes na mentalidade tupiniquim. (MARIANO, 2007, p. 140)

Prosseguindo, Mariano (2007) critica praticantes das religiões-afro que contribuem para a sua própria satanização:

Além disso, líderes e adeptos da umbanda, baseados em crenças cristãs dualistas de bem e mal, sustentam concepções e estereótipos que consideram exus e pombagiras espíritos do mal, demônios, ou, no mínimo, seres indignos de confiança e apreço. (op. cit. p.141)

Confirmando essas várias interpretações, pode-se citar um ponto cantado para exu, remetendo à visão que o identifica com espíritos maléficos:

Meu Santo Antônio pequenino
Amansador de touro bravo
Quem mexer com Tranca Ruas
Tá mexendo com o diabo
Rodeia, rodeia
Rodeia meu Santo Antônio, rodeia.¹

No entanto, neste outro ponto cantado temos uma outra visão sobre essa Entidade. Como se pode observar, nesta concepção, exu é considerado iluminado, digno de confiança que está ao lado do crente para protegê-lo.

Lá na encruza, existe um homem valente.
Com sua capa e cartola, seu punhal e tridente.
É madrugada, é madrugada e ele está sempre ao meu lado.
Por isso, que eu te digo Tranca Ruas: você é meu advogado.
Por isso, que eu te digo Tranca Ruas: você é iluminado.

Pretendo, neste trabalho contribuir para a desconstrução da ideia pautada na visão judaico-cristã sobre o diabo que levou os primeiros europeus que tiveram contato com a iorubá a identificar Exu com este representante do mal na ótica cristã. Entendo que esta identificação é um fato central à perseguição e à intolerância às religiões de matriz africana desde a época da escravidão, e que permanece até os dias atuais, aprofundada com o crescimento das igrejas neopentecostais, principalmente a partir da década de 1970 quando Exu passou a ser, entre as entidades do panteão umbandista, o principal alvo da deturpação feita por aquelas igrejas.

¹ Disponível em <<https://reidospontos.blogspot.com>> Acesso 28 de junho de 2019.

Observamos na ritualística, principalmente da Igreja Universal do Reino de Deus, pessoas que supostamente estariam “incorporadas” com esta Entidade umbandista afirmando que a mesma teria o objetivo de fazer o mal àquela pessoa.

Analisar a Umbanda e uma das suas representações, o Exu, que representam um dos aspectos desta pluralidade cultural brasileira, possibilita contribuir com o escopo da Lei nº 10639 de 9 de janeiro de 2003 que visa o ensino da história e cultura afro brasileira, e em consequência o combate à intolerância religiosa.

A Constituição do Brasil promulgada em 1988 no artigo 5º, inciso seis assinala que: “*é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias*”. Norteados por este artigo 5º, o Estado brasileiro vem empreendendo ações para que essas determinações sejam postas em prática. Assim, iniciativas que contemplam o respeito à pluralidade cultural estão sendo tomadas. Stuart Hall discutindo o multiculturalismo afirma que: “*o termo ‘multiculturalismo’ é substantivo. Refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e gerados pelas sociedades multiculturais*” (Hall, 2003:52).

Sou professor de História. Certa vez, estava dando aula de História da África para uma turma de 1º ano do Ensino Médio da rede estadual de ensino na cidade de Queimados, e quando falei na cidade Yorubá de Ilê Ifé, um aluno “evangélico” falou: “*já vem com macumba*”. Os estudos sobre religiões de matriz africana com seus mitos, seus símbolos, reafirmam a grande pluralidade cultural existente no Brasil e concorrem para que as diferenças possam vir a ser respeitadas, diminuindo a ocorrência de situações como a citada acima, bastante comuns nas escolas públicas.

No caminho analítico que me proponho a seguir, destacarei os elementos presentes no campo umbandista que formulam uma concepção do Exu na Umbanda não como um ser voltado para o mal, nem “dúbio”, e nem caracterizado por uma “dupla personalidade”. Procuraremos, neste trabalho, seguir uma linha de pensamento que identifica Exu como uma das entidades trabalhadoras de umbanda que como Caboclos, Pretos Velhos ou Crianças, entidades que têm a missão de prestar a caridade e ajudar seres encarnados e desencarnados na sua passagem pela Terra.

Sou médium umbandista há exatos 25 anos, e antes de começar a pesquisar a Umbanda já a estudava, mas sob o viés religioso. Daí a preocupação que me atinge, a linha tênue que mencionei acima: separar o pesquisador do médium para não prejudicar a minha pesquisa.

Certamente o meu pertencimento religioso influenciou a escolha do objeto de pesquisa, mas apesar de alguns dilemas iniciais, à medida que fui aprofundando a pesquisa percebi que ser umbandista não seria um empecilho, embora sabendo que seria preciso tomar algumas precauções. Érica Jorge e João Luiz Carneiro (2015) assinalam que:

o esforço do pesquisador, necessariamente, será maior dado o cuidado que deverá tomar em não naturalizar situações, nem reduzir a pesquisa pelos seus próprios referenciais de vivência religiosos (JORGE; CARNEIRO, 2015: 397)

Vários textos acadêmicos que discutem a relação do pesquisador com o objeto pesquisado levaram-me a fazer reflexões devido ao meu envolvimento prévio com o objeto da minha pesquisa: as religiões de matriz africana. Para Vagner Gonçalves da Silva, professor da USP e pesquisador de religiões afro-brasileiras, poucos pesquisadores escolhem essa área, ou nela permanecem, considerando-a apenas como uma “especialização profissional”. Já no primeiro contato com as religiões afro-brasileiras a experiência da aproximação mobiliza fortes sentimentos e emoções, seja de curiosidade, fascínio, repugnância ou temor que marcam sua apreensão desse universo e de si próprios em relação a ele. (2015, p.67)

Certamente que estes sentimentos e emoções citados por Silva não se aplicam ao pesquisador que é nativo da religião pesquisada. Acredito que o pesquisador nativo trabalha numa linha tênue, pois ele não pode deixar de lado o rigor acadêmico na sua pesquisa, nem fazer proselitismo defendendo os valores que acredita serem os corretos da sua religião. Assim, aos pesquisadores que têm algum tipo de aproximação com as religiões afro-brasileiras, seja como frequentador ocasional, simpatizantes ou adepto, compete em tornar estranho aquilo que aparentemente lhe é familiar.

Gilberto Velho (1978) faz uma breve discussão sobre esta questão de observar e estranhar o familiar. Ele começa a análise esclarecendo que uma das premissas das Ciências Sociais é a necessidade do investigador manter uma distância mínima que possa garantir-lhe condições de objetividade em seu trabalho. Segundo Velho, afirma-se ser preciso que o pesquisador veja com olhos imparciais a realidade, evitando envolvimento que possam obscurecer ou deformar seus julgamentos e conclusões. Entretanto, Velho assinala que essas premissas não são partilhadas por toda comunidade acadêmica. Considera-se que existe um envolvimento inevitável com o objeto de estudo e de que isso não constitui um defeito ou imperfeição (1978:36).

Prosseguindo, Velho afirma que ao estudar o que está próximo, a sua própria, sociedade, o pesquisador expõe-se, com maior ou menor intensidade a um confronto com outros especialistas ou com leigos que podem discordar das investigações do observador. Concluindo,

Velho assinala que o familiar com todas as necessárias relativizações é cada vez mais objeto relevante de investigação para uma antropologia preocupada em perceber a mudança social (1978:46).

Grandes clássicos sobre as religiões afro-brasileiras foram feitos por pesquisadores que ou se envolveram após a pesquisa ou já possuíam uma prévia relação com o universo estudado. Nina Rodrigues foi ogã² de terreiro, sustentando-o financeiramente e permitindo acesso aos variados rituais. (2015: 393). Existem ainda outros exemplos de pesquisadores que antes de penetrarem no universo da pesquisa sobre religiões de matriz africana já tinham um pertencimento religioso no campo. Pode-se citar o professor e pesquisador Vagner Gonçalves da Silva, o antropólogo Júlio Braga ou o etnógrafo Nunes Pereira, todos citados no livro *O Antropólogo e sua Magia* (2015). Vagner Gonçalves da Silva reflete sobre este aspecto do pertencimento do pesquisador ao ambiente da pesquisa e afirma que: “*seu esforço será redobrado para não restringir a pesquisa às relações e posições mais contingenciais à sua própria experiência de vida na religião*” (2015: 69).

Entretanto, conforme a profunda análise de Vagner Gonçalves da Silva, muitos pesquisadores entendiam que o envolvimento religioso do pesquisador com o ambiente da pesquisa deveria ser visto com cuidado e criticavam este tipo de relação, principalmente a partir dos anos 60. (2015: 110). Todavia, ainda segundo Silva

Nas últimas décadas a crítica do envolvimento religioso do pesquisador tem tomado outras direções. Principalmente porque as religiões afro-brasileiras, cada vez mais, têm se legitimado como importantes legados culturais dos grupos dominados, não sendo vistas apenas como sistemas ideológicos alienantes e mistificadores. A clássica dicotomia entre crença e ciência, ainda que existente, já não exige do pesquisador posicionamentos tão excludentes entre si, principalmente após a crise dos grandes paradigmas materialistas e racionalistas que predominavam sobretudo nas abordagens em ciências humanas de influência marxista dos anos 60. Além disso, com uma abertura cada vez maior para a prática de uma antropologia experimental (na qual a subjetividade do antropólogo também é valorizada como parte do diálogo que ele estabelece com seus interlocutores), a participação religiosa do pesquisador passou a ser menos estigmatizada. (2015: 111-112)

Assim, após essas reflexões sobre pertencimento religioso, destaco agora o recorte específico que será realizado neste trabalho para alcançar os fins aqui apresentados, ou seja, uma análise do processo de demonização e legitimação de Exu na Umbanda. O foco desta

² É o responsável pela orquestra musical do ritual afro-brasileiro. Cargo que possui muito prestígio no candomblé.

pesquisa se coloca sobre a Literatura Umbandista. Amplamente analisada a partir de seus rituais, a Umbanda é também uma religião marcada por um esforço de legitimação através da sistematização escrita em livros de suas bases teóricas.

Neste trabalho proponho uma análise da Literatura Umbandista sobre o Exu, de modo a discutir como por dentro dessa literatura é possível acompanhar a demonização desta entidade, bem como sua legitimação. Assim sendo, a presente dissertação se dedica a uma análise da entidade Exu por dentro do campo de intelectuais umbandistas, e seus livros.

No primeiro capítulo analisarei o *Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda (1941)*, procurando mostrar o esforço dos intelectuais umbandistas deste período para codificar a Umbanda, sistematizando sua ritualística. Esses intelectuais, nas suas *teses*, procuravam afastar a prática umbandista das práticas mais identificadas com as religiões de maior influência africana. Surgiram termos como *Umbanda branca* ou *linha branca de Umbanda*. Pretendiam ainda aproximar-se do Espiritismo proposto pelo francês Alan Kardec. Tendo como referência o estudo de Lísias Nogueira Negrão, Cumino (2010) divide o desenvolvimento umbandista em quatro ondas. No contexto do nosso estudo citaremos duas ondas: A primeira onda, de 1908 a 1928, nascimento e expansão inicial no Rio de Janeiro. A segunda onda, de 1929 a 1944, legitimação e florescimento em outros estados. Assim, o *Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda* vai acontecer em um momento de crescimento da Umbanda, inclusive com o surgimento em outros estados. Nesse sentido, as lideranças umbandistas perceberam a necessidade de organizar e sistematizar a religião.

Essas lideranças, algumas delas intelectuais, procuravam criar uma identidade para a Umbanda. E o Primeiro Congresso seria o momento propício para esta tentativa. Neste primeiro capítulo analiso, portanto, as teses do *Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda*, e os livros que, a partir dele, começaram a ser escritos pelos intelectuais umbandistas a fim de confirmar sua base doutrinária. Neste capítulo, ainda identifico as tensões acerca da relação da Umbanda com a África, esforços para a “desafricanização” da religião e disputas internas que formulam as bases de uma Umbanda Africanizada, nos tempos da época. Destaco ainda o surgimento do campo da Escrita da Umbanda e seus principais intelectuais, protagonistas destas disputas, e dentre eles, as primeiras conceituações e controvérsias sobre a entidade Exu.

O segundo capítulo propõe-se a análise das transformações da entidade de Exu na Umbanda através da literatura umbandista, e analisar como os primeiros intelectuais umbandistas após o Primeiro Congresso, na tentativa de criar uma base teórica doutrinária para

a Umbanda e no que se refere a Exu, contribuíram para a demonização desta Entidade com suas interpretações sobre o seu significado. Identificaremos também, neste capítulo, o trabalho de alguns escritores, ainda na fase pioneira que pouco depois destes primeiros intelectuais da primeira metade do século XX, se opuseram às suas ideias.

A proposta do terceiro capítulo dessa dissertação é investigar Exu na literatura umbandista da atualidade e analisar como vem ocorrendo a ressignificação desta entidade que cada vez mais se afasta da visão diabólica cunhada ao longo da história, dado o fato de que estão sendo lançados muitos livros com esta temática e estes têm uma importância crucial para que esta mudança de paradigma venha ocorrendo. A investigação se baseará na obra dos sacerdotes escritores Francisco Rivas Neto, Rubens Saraceni, Norberto Peixoto, Alexandre Cumino e Diamantino Trindade.

O critério utilizado para a seleção desses autores foi o grande número de livros escritos por eles sobre a Umbanda, incluindo estudos sobre Exu. Podemos observar que as publicações de alguns desses autores tentam desenvolver um novo conceito que coloca Exu no panteão de Orixás da Umbanda tendo como referência o Orixá Exu dos iorubás. É um movimento ainda embrionário, que tem Rubens Saraceni e Norberto Peixoto, em suas obras, como importantes defensores. Analisaremos nesta seção alguns intelectuais sacerdotes umbandistas que exibem uma grande produção editorial, destacando suas visões sobre Exu.

CAPÍTULO I

PRIMEIRO CONGRESSO DE UMBANDA: A PROCURA DE UMA IDENTIDADE PARA A UMBANDA

Neste capítulo analisarei o *Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda* mostrando o esforço dos intelectuais umbandistas deste período para codificar a Umbanda, sistematizando sua ritualística.

Esses intelectuais, nas suas *teses*, procuravam afastar a prática umbandista das práticas mais identificadas com as religiões de maior influência africana. Surgiram termos como *Umbanda branca* ou *linha branca de Umbanda*. Pretendiam ainda aproximar-se do Espiritismo proposto pelo francês Alan Kardec. O próprio nome do Congresso confirma esta visão ao usar *Espiritismo de Umbanda*.

Como diz Isaia (1999: 115) os intelectuais desejavam, nas suas obras implantar uma identidade livresca, científica e familiar ao universo burguês em íntima ligação com o Espiritismo francês do século XIX.

Esses escritores vão após o Congresso publicar vários livros tentando consolidar suas teorias. Segundo Isaia (1999:113) os centros: “*longe estão de cumprir a risca as determinações doutrinárias e rituais propostas pelos intelectuais da nova religião*”. Mas, como assinala Patrícia Birman:

Entre os terreiros são encontradas diferenças sensíveis no modo de se praticar a religião. Tais diferenças, contudo, se dão num nível que não impede a existência de uma crença comum e de alguns princípios respeitados por todos. Há, pois, uma certa unidade na diversidade. (BIRMAN, 1985, p.26)

Mas não foi um pensamento único sem o contraditório. Outros intelectuais com mais ligação às ideias africanistas e à Umbanda mais popular, como Tancredo da Silva Pinto, o Tata Tancredo, discordaram dessas teorias e lideraram um movimento denominado reafrikanização da Umbanda, também escrevendo livros para defenderem suas ideias.

Nesse contexto, apesar de ser uma religião com forte base popular, com adeptos mais pobres, com grande número de negros, começou seu processo de consolidação como religião, com o livro desempenhando papel fundamental no processo. Não só o livro, mas uma importante mídia impressa, pois foram criados vários jornais como o *Jornal de Umbanda*, ainda em 1949. Foram criados, também, vários boletins informativos internos nos centros, normalmente de periodicidade mensal, gratuitos ou a preço de custo. Um exemplo é o boletim

mensal *A Caridade*, criado em 1956 pela Tenda Nossa Senhora da Piedade dirigida pelo médium Zélio Fernandino de Moraes.

1.1- Antecedentes do Primeiro Congresso (1941)

A data do dia 15 de novembro de 1908 é confirmada pela maioria do campo umbandista como a data oficial da anunciação da Umbanda pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas e seu médium Zélio Fernandino de Moraes. Por ação de lideranças umbandistas, foi instituído o dia 15 de novembro como Dia Nacional da Umbanda.

Alguns pesquisadores não adeptos da religião não concordam com esta visão. Entre as discordâncias sobre a genealogia da Umbanda, está a pesquisadora norte-americana Diana Brown, autora de um dos mais importantes trabalhos nesta área. Brown considera que a Umbanda começou na década de 1920, conforme assinalado no livro "*Umbanda: religion and politics in urban Brazil*", derivado da sua pesquisa.

Segundo Brown (1994), sua pesquisa a levou a relacionar o início da *Umbanda Pura* a um indivíduo específico, Zélio de Moraes, e suas atividades em Niterói na década de 1920. A autora narra a conversa com Zélio, que relatou a sua doença, sua revelação e a subsequente fundação dos primeiros centros de Umbanda. Ela afirma que foi apresentada a Zélio de Moraes por uns dos mais antigos líderes da religião, alguns dos quais foram companheiros de Zélio por muitos anos na Tenda Nossa Senhora da Piedade, a primeira fundada por Zélio em 1908 e que pertenceram aos primeiros centros, dos sete fundados por Ele, por ordem do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Brown afirma que não pode ter certeza de que Zélio foi o fundador da Umbanda ou até mesmo que a Umbanda teve um único fundador, embora, segundo ela, o centro de Zélio e aqueles fundados por seus companheiros tenham sido os primeiros que ela descobriu que se intitularam como Umbanda.

Prosseguindo, a autora assinala que a historiografia umbandista não deixa claro esse assunto. E que fora desta rede, sua história não é amplamente conhecida, nem ganhou aceitação geral, especialmente entre os líderes mais jovens.

Tem que ser levado em consideração que esta pesquisa é do final década de 1960, embora, ainda seja muito citada nos trabalhos acadêmicos e não se tinha ainda tantas pesquisas como atualmente, sobre a genealogia da Umbanda.

Contudo, numa entrevista mais recente, em 2008, concedida ao jornal Folha de São Paulo, Brown aparenta não estar tão enfática sobre a sua visão da Umbanda ter começado na década de 20.

FOLHA - Qual era o contexto do surgimento da umbanda?

BROWN - Havia muito preconceito, mas muita gente a praticava. A imagem era de classe baixa e ignorante. O grupo que começou a promover a umbanda branca tinha um background kardecista. Eles se achavam, por isso, protegidos e legitimados. Mas havia muito preconceito e perseguição. Embora Getúlio Vargas fosse conhecido como "pai dos pobres" e "pai da umbanda" e, em 1966, muitos terreiros que visitei ainda tivessem retratos dele, ficou evidente que ele deixou a polícia invadir os terreiros e foi tudo muito brutal.

FOLHA - Qual o papel do Zélio de Moraes na construção da umbanda?

BROWN - Ele e seu grupo conseguiram promover a imagem dessa umbanda que foi chamada de umbanda branca. Foi um esforço para embranquecer e modernizá-la. O papel dele é simbólico, foi o porta-voz dessa "nova" umbanda.

FOLHA - O fato de ele ter recebido em 1908 o Caboclo das Sete Encruzilhadas significou uma ruptura com o kardecismo?

BROWN - Eu não diria isso. Para ele [Zélio de Moraes] foi uma ruptura, mas era mais uma expressão do ecletismo que já existia. Foi esse caboclo quem falou para o Zélio que ele seria o fundador, mas antes já existiam caboclos e a prática de religiões africanas. Era uma grande mistura.

Hoje com novas pesquisas sabe-se que antes do surgimento do Caboclo das Sete Encruzilhadas, já havia manifestações de Espíritos que tinham práticas que pouco depois a Umbanda passou a utilizar e, também se identificavam com nomes semelhantes aos que vão ser usados por espíritos atuantes na Umbanda. Seja na *Cabula*, seja nas *Macumbas Cariocas* do fim do século XIX e início do século XX (Silva, 2005: 106).

No entanto, como apontado pelo escritor umbandista W. W. Matta e Silva, até o evento do dia 15 de novembro de 1908 a palavra Umbanda não era conhecida.

Conforme Matta e Silva (1997), intelectual umbandista contemporâneo, a palavra Umbanda não surgiu absolutamente no interior de nenhum grupamento de nação africana e nem nos rituais de origem Banto (congolenses, angolanos, etc.) que falavam o quimbundo. Ele cita o escritor e pesquisador João do Rio que escreveu o livro *As Religiões no Rio*, em 1904, no qual fez uma profunda pesquisa sobre as religiões praticadas no Rio de Janeiro no início do século XX. Matta e Silva destaca que João do Rio não registrou na sua pesquisa nenhuma referência aos termos Umbanda e Quimbanda.

Atualmente, no universo dos praticantes da religião, há um consenso de que Zélio de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas implantaram a Umbanda. E prossigo esta pesquisa tomando este marco inaugural como referência.

Dez anos depois da fundação do primeiro centro, a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, o Caboclo das Sete Encruzilhadas ordenou que fossem fundadas mais sete tendas, dirigidas por médiuns pertencentes Tenda Nossa Senhora da Piedade, com a finalidade de expandir a doutrina estabelecida por este Caboclo, começando aí o crescimento da religião.

As Tendas³ receberam os seguintes nomes: Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição (1918); Tenda Espírita Nossa Senhora da Guia (1927); Tenda Espírita Santa Bárbara (1933); Tenda Espírita São Pedro (1935); Tenda Espírita São Jorge (1935); Tenda Espírita São Jerônimo (1935) e Tenda Espírita Oxalá (1939). Observa-se que todas levavam nomes de Santos católicos para se proteger das intensas perseguições.

Em 1932, o jornalista Leal de Souza, considerado o primeiro escritor umbandista, começou a escrever uma coluna que analisava o Espiritismo e a Umbanda emergente, em um dos maiores jornais do Rio de Janeiro, o Diário de Notícias (Trindade, 2010:22). Deve-se destacar que já em 1925, Leal de Souza lançou o livro *O Mundo dos Espíritos*, baseado em uma grande pesquisa, feita por ele, sobre religiões espiritualistas para o jornal *A Noite*. Desde 1924, Leal de Souza tinha uma coluna neste jornal em que falava sobre espiritualidade, e na edição de 7 de maio de 1924, descreveu a primeira vez que foi à Tenda Nossa da Piedade e o primeiro encontro tanto com o Caboclo das Sete Encruzilhadas como com o Médium Zélio de Moraes.

Nesse processo de expansão do movimento umbandista, em 1939, o Caboclo das Sete Encruzilhadas orientou que Zélio de Moraes e outras lideranças fundassem a *Federação Espírita de Umbanda do Brasil (FEUB)*, a primeira organização desse tipo na Umbanda. A primeira missão da FEUB foi organizar e realizar o primeiro *Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda* em 1941. Após o Congresso, esta federação mudaria o seu nome para *União Espírita de Umbanda do Brasil (UEUB)* (CUMINO, 2010).

Sobre a questão federativa na Umbanda, Birman assinala que:

As federações de umbanda surgiram como propostas que visavam responder simultaneamente a dois problemas. Um deles, já mencionado, era o de encontrar uma forma que contornasse a autonomia dos terreiros de modo a poder organizar os praticantes dos cultos afro-brasileiros num conjunto articulado e com um centro decisório único. O outro problema, de caráter político, era o de enfrentar a repressão do Estado sobre a umbanda e os cultos afro-brasileiros em geral. Os umbandistas consideraram necessário promover

³ Ver <https://www.tensp.org/historia>.

uma organização que pudesse contrapor-se de modo eficaz às medidas discriminatórias e repressivas praticadas pelo Estado contra essas religiões. (BIRMAN, 1985 p. 95)

A respeito da repressão do Estado que a autora destaca, é o período da ditadura do Estado Novo (1937-1945) comandada por Getúlio Vargas.

Segundo Oliveira (2008), os umbandistas inspirados no bom desempenho que a Federação Espírita Brasileira obteve ao defender os interesses do Espiritismo junto ao Estado, criaram também uma instituição corporativa, a Federação Espírita de Umbanda do Brasil, já mencionada anteriormente, com o objetivo de negociar a suspensão das incursões policiais que se intensificaram em meados de 1937 com a criação da Seção de Tóxicos e Mistificações na 1ª Delegacia Auxiliar da chefatura de Polícia do Distrito Federal.

O autor assinala, tendo como referência o estatuto da Federação, que os principais objetivos eram: *unificar as tendas, orientar o ritual e a liturgia de todas essas tendas e proteger a doutrina de Umbanda, unificando-a em todos os seus aspectos essenciais.*

Oliveira destaca ainda que esta instituição assumiu o compromisso de: *atuar junto aos poderes públicos federais, estaduais e municipais; propagar o “espiritismo de umbanda” editando revistas e realizando congressos.*

E é a partir da proposta contida neste último objetivo, que se basearão as análises deste capítulo. Serão analisados os esforços de sacerdotes, intelectuais e sacerdotes-intelectuais para difundir e sistematizar a religião umbandista a partir do Primeiro Congresso, em 1941, e um dos seus desdobramentos: o surgimento de uma intensa literatura umbandista sejam livros, jornais umbandistas, colunas em jornais leigos e boletins informativos dos centros umbandistas.

1.2- O Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda (1941)

Descrito o contexto da Umbanda Pré-Congresso, vamos analisar o Primeiro Congresso, realizado entre 19 e 26 de outubro de 1941, no Rio de Janeiro.

A Umbanda, a partir da década de 30, começou um processo de expansão principalmente, depois da fundação sob a orientação de Zélio de Moraes, das sete tendas. Cumino (2010) utiliza um conceito de “onda” para explicar algumas fases do movimento umbandista. Para ele, falar em ondas é falar de novos movimentos dentro de um mesmo segmento, uma onda não anula a outra, uma não termina exatamente onde a outra acaba; são fluxos e refluxos de novas tendências na mesma Umbanda.

Tendo como referência o estudo de Lísias Nogueira Negrão, Cumino (2010) divide o desenvolvimento umbandista em quatro ondas. No contexto do nosso estudo citaremos duas ondas: A primeira onda, de 1908 a 1928, nascimento e expansão inicial no Rio de Janeiro. A segunda onda, de 1929 a 1944, legitimação e florescimento em outros estados.

Assim, o Congresso vai acontecer em um momento de crescimento da Umbanda, inclusive com o surgimento em outros estados. Nesse sentido, as lideranças umbandistas perceberam a necessidade de organizar e sistematizar a religião.

Essas lideranças não tinham uma base teórica e tiveram que se esforçar para implantar essa base. Alguns desses líderes tinham conhecimento do Espiritismo ou Kardecismo e, nos Anais do Congresso, fica bem clara essa influência. Outros pesquisaram diferentes religiões sempre em busca de estabelecer uma fundamentação teórica para a prática realizada nos diversos terreiros. Essas lideranças, algumas delas intelectuais, procuravam criar uma identidade para a Umbanda. E o Primeiro Congresso seria o momento propício para esta tentativa.

Meses depois do fim do Congresso, em maio de 1942, foi lançado um livro: Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda (1942) com os trabalhos apresentados, e é a partir deste livro, que analisaremos os textos contidos neste evento. Foram apresentadas 13 teses por dirigentes e membros de vários centros sobre os mais variados temas.

Na introdução, já observamos a marcante influência kardecista existente. Os autores do texto colocam a Umbanda como *Espiritismo*, o que criou uma característica que até hoje perdura, visto que muitos adeptos e mesmo médiuns umbandistas se dizem espíritas quando consultados sobre sua religião. Este posicionamento é controverso entre Umbandistas e que também entre lideranças Kardecistas atuais, como observado em jornais espíritas ou na programação da rádio Rio de Janeiro, emissora espírita.

A justificativa para a realização do Congresso, segundo os autores, foi devido ao conceito alcançado pelo Espiritismo de Umbanda nestes últimos vinte anos de sua prática, o que possibilitou a fundação no Rio de Janeiro de elevado número de centros destinados especialmente a esta modalidade de trabalhos, cada qual procurando a seu modo, atender a um número sempre crescente de adeptos.

A reunião do 1º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, em outubro último, veio trazer uma nova luz ao estudo do Espiritismo entre nós, com a investigação criteriosa a que se entregaram os seus organizadores, em torno desta modalidade de práticas espíritas, cujo número de adeptos cresce de modo notável por toda parte. Pode, mesmo, dizer-se, que o Espiritismo no Brasil

acaba de transpor os umbrais de uma nova era com a realização deste primeiro Congresso.

A prática da Umbanda à época variava, entretanto, segundo os conhecimentos de cada núcleo, não havendo, assim, uma homogeneidade de práticas considerada necessária pelos intelectuais do campo umbandista. Na introdução do livro do Primeiro Congresso de Umbanda, os autores assinalam que com a fundação da Federação Espírita de Umbanda, o seu primeiro trabalho consistiu na preparação deste Congresso, precisamente para nele se *estudar, debater e codificar* esta modalidade de trabalho espiritual, e, nos termos da época, “*a fim de varrer de uma vez o que por aí se praticava com o nome de Espiritismo de Umbanda, e que no nível de civilização a que atingimos não tem mais razão de ser*” (1942:04).

Observa-se nesta justificativa o desejo de uma espécie de codificação, ou como os autores escrevem: “a homogeneidade de práticas”. Também se percebe o objetivo de distinguir a Umbanda de outras religiões mais identificadas com as ritualísticas africanas.

Foi estabelecido, pela Comissão organizadora um programa para a apresentação das teses:

a) HISTÓRIA — Investigação histórica em torno das práticas espirituais de Umbanda através da antiga civilização, da idade média até aos nossos dias, de modo a demonstrar à evidência a sua profunda raiz histórica.

b) FILOSOFIA — Coordenação dos princípios filosóficos em que se apoia o Espiritismo de Umbanda, pelo estudo de sua prática nas mais antigas religiões e filosofias conhecidas, e sua comparação com o que vem sendo realizado no Brasil.

c) DOUTRINA — Uniformização dos princípios doutrinários a serem adotados no Espiritismo de Umbanda, pela seleção dos conceitos e recomendações que se apresentarem como merecedoras de estudo, para o maior esclarecimento dos seus adeptos.

d) RITUAL — Coordenação das várias modalidades de trabalho conhecidas, a fim de se proceder à respectiva seleção, e recomendar-se a adoção da que for considerada a melhor delas em todas as tendas de Umbanda.

e) MEDIUNIDADE — Coordenação das várias modalidades de desenvolvê-la e sua classificação segundo as faculdades e aptidões dos médiuns.

f) CHEFIA ESPIRITUAL — Coordenação de todas as vibrações em torno de Jesus, cuja similitude no Espiritismo de Umbanda é "Oxalá", o seu Chefe Supremo.

Esta Comissão Organizadora foi composta por três membros que foram responsáveis por selecionar os trabalhos que seriam apresentados, o que causou alguns conflitos. Segundo

Cumino (2010), os membros desta Comissão eram os verdadeiros articuladores das ideias e ideologias que seriam aceitas nesse Congresso. Mesmo o programa apresentado já aponta para a “conclusão” que chegará tal evento e, ao que indica, já está preestabelecida. Cumino afirma que alguns umbandistas como Tancredo Alves Pinto, conhecido como Tata Tancredo fará duras críticas a esse grupo, conforme veremos mais adiante.

1.3 - Umbanda, *desafricanização* e o Kardecismo

A seguir alguns dos principais aspectos das teses apresentadas destacando o aspecto histórico. O discurso inaugural foi proferido pelo primeiro secretário da Federação Espírita de Umbanda na reunião de 19 de outubro de 1941 conforme consta no livro do Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda (1941):

A obra a que neste momento vamos dar início, com o pensamento inteiramente voltado para Jesus, Nosso Mestre e Senhor, é daquelas que, pelo vulto de sua grandiosidade, não podem ser concluídas numa única encarnação. A ideia a que, neste Congresso pretendemos dar corpo, com a ajuda valiosa de todos os confrades que se dignaram comparecer ou nos enviaram seus trabalhos, demanda tempo e espaço para a sua ampla compreensão por todos os povos deste lado do mundo. [...] Umbanda deixará de ser de agora em diante, aquela prática ainda mal compreendida por numerosos dos nossos distintos confrades da Seara do Mestre para se tornar, assim o cremos, a maior corrente mental da nossa era, nesta parte do continente sul-americano. [...] Nós, os adeptos desta modalidade, sabemos, pelos ensinamentos recebidos dos nossos maiores do Espaço, Entidades que nos assistem, orientam, dirigem e superintendem as Tendas de Umbanda, — que sua prática foi deliberada nos planos superiores da atmosfera terrena, como uma necessidade inadiável ao mais rápido adiantamento do nosso progresso espiritual. (PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DO ESPIRITISMO DE UMBANDA, 1941, p.7)

Em seguida foi apresentada a tese *O Espiritismo de Umbanda na evolução dos povos: Fundamentos históricos e filosóficos*, pelo representante da Tenda Mirim. Em síntese o palestrante afirma que a Umbanda não é um conjunto de “*fetiches, seitas ou crenças, originárias de povos incultos, ou aparentemente ignorantes*”. Umbanda é apresentada então como “*uma das maiores correntes do pensamento humano existentes na terra há mais de cem séculos, cuja raiz se perde na profundidade insondável das mais antigas filosofias*”.

Sua etimologia provém de AUM-BANDHĀ, (om-bandá) em sânscrito, ou seja, o *limite no ilimitado*. O prefixo AUM tem uma alta significação metafísica, sendo considerado palavra sagrada por todos os mestres orientalistas, pois que representa o emblema da Trindade na Unidade. Pronunciado ao iniciar-se qualquer ação de ordem espiritual, empresta à mesma a

significação de o Ser em nome de Deus. BANDHÃ, (Banda) significa movimento constante ou força centrípeta emanante do Criador. Outra interpretação, igualmente hindu, nos descreve BANDHÃ (Banda) como significando um lado do conhecimento, ou um dos templos iniciáticos do espírito humano.

A significação de UMBANDA, (o correto seria Ombanda) em nosso idioma, pode ser traduzida por qualquer das seguintes fórmulas: Princípio Divino; Luz Irradiante; Fonte Permanente de Vida; Evolução Constante. (1941: 9-10)

Observa-se que o palestrante procura a origem da Umbanda e da palavra umbanda no Oriente principalmente na filosofia hindu: “Existem três axiomas sobre os quais assentam os princípios da filosofia hindu, o primeiro dos quais pode servir para demonstrar os fundamentos do Espiritismo de Umbanda praticado entre nós”.

A próxima tese a ser analisada foi a apresentada pelo Dr. Baptista de Oliveira, na reunião de 22 de outubro de 1941 e também procurou demonstrar sua visão sobre a origem da Umbanda. Segundo Baptista de Oliveira, embora existam divergências, às vezes profundas sobre as concepções do que seja Umbanda, todos os adeptos concordam quanto às suas origens africanas.

O palestrante prossegue afirmando que a natureza das práticas umbandistas, revestidas todas elas de “*tão grosseiros aspectos*”, assim como a rudeza do vocabulário com que se processam os atos da sua estranha liturgia, tudo isto lhes “*justifica a paternidade*”: *Umbanda veio do Continente Negro*. Ele afirma que tem a mesma opinião, mas discorda num detalhe: “Umbanda veio da África, não há dúvida, mas da África Oriental, ou seja, do Egito, da terra milenária dos Faraós, do Vale dos Reis e das Cidades sepultadas na areia do deserto ou na lama do Nilo” (1942: 47).

O palestrante continua demonstrando abertamente o preconceito contra os africanos e sua visão evolucionista, assinalando que o “*barbarismo afro*” de que se mostram impregnados os ecos chegados até nós, dessa grande linha iniciática do passado, se deve às deturpações a que se acham naturalmente sujeitas às tradições verbais. Segundo Ele, com a Umbanda foi isto o que ocorreu.

O autor prossegue sua análise procurando sustentar sua tese de que quando a civilização egípcia entrou em decadência pelas sucessivas invasões de povos bárbaros no país, a casta sacerdotal então a mais perseguida por ser a depositária da ciência que fizera a grandeza material e intelectual do povo, emigrou em direções diversas. A Etiópia continua o palestrante,

recebeu um grande contingente desse povo sábio. Baptista de Oliveira (1942:48) prossegue mostrando sua visão negativa sobre os africanos que vieram escravizados para o Brasil:

Imagine-se o que poderia resultar do contacto da alta ciência e da religião dos egípcios, uma e outra tão profundamente precisas nos seus conceitos e tão expressivas na sua forma representativa dos sentimentos de um povo grandemente civilizado, com os povos semi-bárbaros, senão bárbaros, do ocidente africano, das regiões incultas de onde, por infelicidade nossa, se processou o tráfico de escravos para o Brasil, de uma escória que nos trouxe com suas mazelas, com seus costumes grosseiros e com seus defeitos étnicos e psicológicos. Tais foram as tradições orais que nos chegaram de todo o vasto saber acumulado dos egípcios, através dos elementos afros que os navios negreiros, no exercício de um comércio infamante, transportaram para as terras brasileiras, nos primórdios da nossa formação nacional (OLIVEIRA, 1942, p. 48).

O palestrante chama os africanos de escória talvez esquecendo que um dos pilares da Umbanda sejam os espíritos denominados Pretos Velhos que na representação, se apresentam como ex-escravos, e têm como característica a sabedoria, a paciência e que nas suas consultas dão aconselhamentos e consolação.

Concluindo a análise de aspectos históricos do Primeiro Congresso, destaco partes do discurso de encerramento pronunciado pelo 1º Secretário da Federação Espírita de Umbanda, Sr. Alfredo António Rego, na reunião de 26 de outubro de 1941.

Quando, no domingo passado, aqui nos reunimos pela primeira vez, para proceder à instalação do 1.º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, tínhamos diante de nós uma tarefa tão grande, tão árdua, e difícil, que os nossos corações como que descompassavam o seu ritmo habitual. [...] Realizar um Congresso de altas finalidades espirituais, como este, do qual deve sair uma codificação nova, atualizada, do Espiritismo de Umbanda no Brasil, era, srs. congressistas, o fantasma que no domingo passado defrontávamos [...] Ocorre-nos à mente aquela parábola sublime, em que Jesus declarou aos discípulos, que se eles tivessem fé do tamanho de um grão de mostarda, poderiam ordenar à montanha que se afastasse, que ela se afastaria. Foi precisamente o que fizeram os responsáveis por este Congresso: cônscios de suas fracas forças, mas de sua grande fé, apelaram para Jesus, o Mestre e Chefe Espiritual da Umbanda, recebendo dele tudo o mais por acréscimo, para o êxito completo, absoluto, deste 1.º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda. [...] . Srs. Congressistas: satisfeitos nos sentimos em poder dizer-vos, e o fazemos com o coração nas mãos, que todo o êxito deste Congresso, se deve em grande parte, à simpatia que os nossos trabalhos lograram despertar em vós desde o primeiro dia, e ao entusiasmo com que aqui vos mantivestes durante as oito noites de nossas reuniões [...] Que o Espiritismo de Umbanda possa, outrossim, iluminar todas as consciências, inspirar, guiar e proteger as nossas autoridades na sua difícil missão de preservadoras da Ordem e Progresso do Brasil, especialmente ao Exmo. Sr. Presidente da República.

Este Primeiro Congresso do Espiritismo de Umbanda reuniu, portanto, os pioneiros do campo umbandista cuja preocupação central era a de criar uma codificação, (não esquecendo o escritor Leal de Souza que em 1932 começou uma sistematização da Umbanda) estruturar uma religião que crescia rapidamente e que praticamente não tinha uma base teórica. Estes, então, se inspiraram na obra kardequiana, ou recorreram a estudos das religiões orientais para encontrar sua fundamentação teórica.

1.4 – Tata Tancredo e a Umbanda Omolocô

Mas houve vozes discordantes que não concordaram com essa *desafricanização* da Umbanda, entre eles estava o principal líder desse movimento: Tancredo Alves Pinto ou Tata Tancredo, considerado por muitos uma espécie de “*papa da Umbanda*”.

Tata Tancredo teve publicadas 32 obras literárias, divulgando a *Umbanda Omolocô*. Tata Tancredo foi fundador e colaborador de diversos jornais e revistas destinados a *esclarecer e orientar* os adeptos da religião afro-brasileira. Seus artigos sobre Umbanda foram publicados durante 25 anos no jornal O Dia⁴.

A Umbanda Omolocô é uma religião afro-brasileira que gera controvérsias entre os estudiosos, pois para alguns é considerada uma espécie de Umbanda, para outros ela seria o pai ou mãe da Umbanda carioca e, finalmente, também há quem a defenda como um tipo de Candomblé.

Segundo Bahia e Nogueira (2018), entre os anos 1940 e 1950, devido à complexidade da religião umbandista, dois modelos diferentes disputavam a primazia de suas concepções sobre a religião. Assim, surgiria uma concepção de Umbanda mais ligada às religiões afro-brasileiras, mais próxima do Candomblé.

As autoras assinalam que essa Umbanda seria denominada Omolocô, tendo como seu principal representante, Tancredo da Silva Pinto (ou Tatá Tancredo). Este, em sua narrativa sobre a Omolocô, remetia-se à religião como tendo uma origem no continente africano, mais especificamente em Angola, buscando, assim, recriar uma Umbanda Africana no Brasil,

⁴ Tatá Tancredo: Do Omolocô ao Réveillon Disponível em: < <http://ipcb-rj.com.br/site/?p=655>> . Acesso em: 11 de dez. 2020

diferente, portanto, da concepção de uma Umbanda mais afeita ao Kardecismo. Esses dois modelos de Umbanda disputariam o campo religioso umbandista ao longo dos anos 1950.

Assim, afirmam as autoras, Tancredo da Silva Pinto fundou em 1949 a *Confederação Espírita Umbandista* (CEU), no Rio de Janeiro, que mais tarde se tornaria a Congregação Espírita Umbandista do Brasil (CEUB). Ele realizaria um amplo processo de crítica aos representantes da Federação de Espiritismo de Umbanda (FEU) e a seu modelo de Umbanda “desafricanizada”, apelidada de Umbanda branca que tinha como referência o Kardecismo.

Concluindo, Bahia e Nogueira (2018) destacam que o campo religioso umbandista se constituiu de maneira complexa e fluida ao longo dos anos 1940 e 1950, com importantes disputas, que caracterizaram a consolidação da Umbanda no Brasil. Dois modelos de Umbanda passariam a disputar as páginas de importantes jornais que circulavam no Rio de Janeiro, apresentando, cada um a seu modo, sua interpretação do que seria a religião.

1.5 - A escrita na e da Umbanda

A Umbanda é uma religião complexa, constituída por vários segmentos e várias maneiras de interpretação, que não podem ser aglutinados em apenas uma de suas partes. Mas o fato é que a narrativa que considera o início da Umbanda a partir do Caboclo das Sete Encruzilhadas e de Zélio de Moraes tornou-se dominante, tanto que por lei federal o dia da anúncio da Umbanda em 15 de novembro de 1908, tornou-se Dia Nacional da Umbanda.

Após o fim do Congresso foi lançada uma grande quantidade de livros umbandistas procurando também estabelecer uma base doutrinária e ritualística, muitas vezes com conceitos totalmente opostos. Tancredo Alves Pinto, em parceria com Byron Torres de Freitas, também lançou a partir de 1951 vários livros defendendo suas ideias de uma Umbanda Omolocô, mais voltada para suas ligações com a África.

A essa profusão de livros, juntaram-se jornais umbandistas, como o *Jornal de Umbanda* fundado em 1939 por Zélio de Moraes, o primeiro periódico umbandista, boletins informativos nos centros de Umbanda como o boletim *A Caridade* fundado em 1956 pela Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição (Trindade 2010).

Toda essa gama de informações contribuiu para criar uma cultura livresca na Umbanda, embora Isaia relativize essa possibilidade:

No papel legitimador representado pela Umbanda, esses autores insistem na função do livro e dos intelectuais, como inerentes à nova religião. Neste artigo, adotamos uma postura relativizante, tanto no que concerne ao papel

normatizador dessas exegeses e desses intelectuais na Umbanda como em se tratando da função do livro na nova religião. Sendo assim, encaramos o “fazer-se” umbandista como dotado de força inventiva suficiente para bloquear a mera reprodução da obra dos intelectuais. (ISAIA, 1999 p.98)

José Henrique Mota de Oliveira na sua tese de doutorado, *A Escrita do Sagrado na literatura umbandista: uma análise da obra de Matta e Silva em perspectiva comparada* também analisa a escrita do sagrado na literatura umbandista:

É comum associar as religiões de matriz africana à tradição oral, contudo não se pode esquecer que os intelectuais da umbanda empreenderam uma ação escriturística vigorosa a fim de divulgar todo um conjunto doutrinário, o qual pode ser comparado à elaboração de um corpus canônico. Existem, entretanto, na ação escriturística dos umbandistas duas questões que se destacam: uma, diz respeito ao efetivo protagonismo destes em nomear a realidade da religião; a outra, fala do uso do livro enquanto instrumento de divulgação das propostas de unificação e padronização do culto. (OLIVEIRA, 2017, p.9)

Prosseguindo Oliveira (2017) assinala que estas questões provocam divergências entre os pesquisadores do campo umbandista. Uma corrente admite que a participação dos intelectuais e a publicação de obras doutrinárias são inerentes à própria umbanda. A outra relativiza o protagonismo dos intelectuais da religião e a relevância de suas obras para a cotidianidade dos Terreiros. Na perspectiva do processo de legitimação da Umbanda no campo religioso brasileiro, adquirem nexos as tentativas de impor a representação de uma religião letrada e perfeitamente harmonizada com as regras simbólica orientadoras do agir coletivo, expressando ideias de modernidade.

Em seguida o autor apresenta os representantes de cada corrente. Ele cita que Renato Ortiz defende o protagonismo dos intelectuais e de suas produções literárias, pois na Umbanda, a transmissão do sagrado estaria na palavra escrita adquirindo o livro dessa forma um importante papel que transforma "pais de santo" em escritores.

Em oposição a este pensamento, Oliveira cita Lísias Negrão e Artur César Isaia. Segundo Oliveira (2017:204), Negrão nas suas pesquisas constatou que o saber religioso era monopolizado pelos sacerdotes e por meio de palestras doutrinárias repassado aos integrantes do centro, respeitando a tradição oral. Negrão afirmou que embora tenha muitos livros, eles influenciariam pouco, pois ele considera que a maioria dos adeptos tinha baixa escolaridade e devido às divergências entre os escritores umbandistas, havia uma dificuldade para a adoção de uma bibliografia como corpus canônico.

Concluindo a questão, Oliveira assinala que Artur César Isaia acredita que é dada muita importância à literatura umbandista. Isaia destaca que a ação escriturística da intelectualidade

religiosa expressa o esforço de um grupo em representar a religião colocando-a ao lado da modernidade, tentando se opor ao discurso que considerava a Umbanda atrasada, inerente aos segmentos marginalizados da sociedade.

Oliveira a partir desse debate acadêmico levantou a seguinte questão: Se a produção literária dos umbandistas não tem força de sedução suficiente para intervir no cotidiano dos Terreiros, por que tantos títulos estão disponíveis no mercado editorial com o objetivo de explicar as práticas umbandistas? Se os livros de Umbanda são pouco lidos, qual a efetiva capacidade destes autores em falar em nome da religião?

Oliveira acredita que os intelectuais da religião não estavam escrevendo para a massa de seguidores, mas sim para os próprios pares. Afinal, seriam eles que, pelo convívio com o corpo mediúnico no cotidiano dos terreiros, iriam disseminar todas as propostas de codificação da religião e de padronização dos rituais.

O autor também assinala que os escritores umbandistas estariam escrevendo também para demarcar um espaço de luta contra outros agentes religiosos, o que justificaria as tentativas de apresentar uma religião letrada e em harmonia com as regras simbólicas que expressam a ideia de modernidade.

Opinando sobre as indagações levantadas por Oliveira sobre a razão de se ter tanto livro e se eles seriam pouco lidos, acredito que atualmente existe sim um grande mercado para os livros umbandistas e por isso, eles se multiplicam com lançamentos novos, reedições de livros das décadas de 60 e 70, nesse caso, principalmente pela Editora Eco.

Acredito que, ao contrário do que verificou Lísias Negrão na época da sua pesquisa de campo, como relatado acima, atualmente o nível de escolaridade dos adeptos umbandistas elevou-se muito, principalmente com o aumento da chegada de membros da classe média. Provavelmente a grande quantidade de publicações indique que o umbandista está querendo aprender sobre sua religião.

Existem atualmente muitos sites umbandistas e canais de youtubers com cursos à distância e milhares de visualizações. Alguns desses canais têm mais de cem mil inscritos. Um deles, do Alan Barbieri, tem 529 mil inscritos mais do que os 407 mil que se declararam umbandistas no último censo. Algumas postagens chegam a ter mais de 100 mil visualizações.

Talvez isso aconteça porque aumentou muito o nível de escolaridade dos umbandistas que só estão abaixo dos Kardecistas nos quesitos de nível de escolaridade superior e média de anos de estudo, segundo o censo de 2010 realizado pelo IBGE. (IBGE, 2012).

Artur César Isaia fez uma importante análise sobre os intelectuais e a literatura umbandistas no artigo: *Ordenar Progredindo: a obra dos intelectuais de umbanda no Brasil da primeira metade do século XIX*.

Neste trabalho de 1999, Isaia inicia seu estudo relativizando, como já citamos acima, o papel dos intelectuais na Umbanda e da função do livro nesta religião. Em seguida, o autor faz referência ao surgimento da Umbanda e afirma que para os intelectuais umbandistas este fato integrava um processo *evolutivo* que levaria ao surgimento de uma civilização baseada nos ideais da racionalidade e do progresso e para isso teria que ficar distante de práticas tidas como atrasadas. Nesse sentido, os intelectuais umbandistas desenvolveram todo um discurso em que criticavam as práticas “fetichistas e supersticiosas” contrárias ao progresso.

Isaia assinala que a nova religião era apresentada como uma religião urbana, civilizada dentro dos padrões da modernidade. Assim, as práticas religiosas de origem africana eram consideradas “bárbaras”.

Em relação a visão de progresso, de civilização que tinham esses intelectuais, Isaia assinala que ao mesmo tempo que eles apresentavam uma religião com características sincréticas, de fácil entendimento popular, queriam afastá-la das ligações com os valores africanos.

O autor baseia sua análise a partir das teses apresentadas no Primeiro Congresso de Umbanda, transcrevendo trechos dessas teses. Ressalta que os congressistas que palestraram sobre a origem da Umbanda, desqualificavam os negros africanos como um exemplo que citei acima, quando analisei algumas teses do Congresso: “Assim, se a Umbanda entra no Brasil com os negros, as suas origens estavam totalmente fora do ‘*estágio evolutivo*’ dos povos africanos”.

Em seguida Isaia examina o contexto histórico em que aconteceu o Primeiro Congresso. Aponta que a ditadura do Estado Novo sempre apostando na desmobilização popular, via com bons olhos a religião Espírita. A tolerância com a realização Congresso demonstra este fato. Por isso, os umbandistas procuravam aparecerem como espíritas. Nesse sentido, os umbandistas vão querer se distanciar das práticas religiosas de matriz africana, se aproximando do Kardecismo. Esse processo foi além das teses do Primeiro Congresso, tendo presença marcante na obra dos intelectuais umbandistas que se seguiram.

O autor destaca que o Espiritismo Kardecista teve um peso importante na formação da identidade dos primeiros umbandistas. Os intelectuais passavam a apresentá-la como uma modalidade do Espiritismo. Podemos observar este fato no nome da primeira federação,

Federação Espírita de Umbanda e no nome do Congresso, Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda.

Isaia comenta que as lideranças kardecistas não gostavam dessa tentativa de aproximação dos primeiros umbandistas:

A aproximação tentada pelos primeiros umbandistas com o kardecismo no Brasil, contou com a enérgica oposição dos círculos espíritas do centro do País. Esses não admitiam a ligação entre o kardecismo, que se credenciava à sociedade com uma identidade próxima aos valores consentidos pela elite, e a Umbanda, ainda presa a conteúdos imagéticos que a confinavam aos subterrâneos sociais.

1.6 - Exu na escrita da Umbanda, e as primeiras disputas

O Primeiro Congresso Espírita, realizado em São Paulo em 1947, se posicionou sobre esta situação. Entre as conclusões está a necessidade de unificar o Espiritismo devido a dispersão generalizada e sistemática, que levava a práticas desvirtuadas do substrato científico, filosófico e religioso da codificação kardecista. Essa dispersão segundo os congressistas espíritas era vista como a disseminação de práticas exóticas, misto de magia e de superstição, tudo o que está designado como “baixo espiritismo”, mas que para esses congressistas não passava de “falso espiritismo”.

Dessa forma, próximos ao discurso do Espiritismo, os intelectuais umbandistas vão ter ressalvas a tudo o que se refere ao passado negro. Tanto que, afirma o autor, um jornal umbandista do Rio de Janeiro, na década de 50, afirmar categoricamente que o samba era indício visível de primitivismo, capaz de catalisar estados patológicos, próximos ao “barbarismo” dos povos incultos. Isaia transcreve trecho do referido jornal:

O tantã do carnaval é um ritmo obsidiante, prejudicial ao psiquismo de todos nós em geral e em especial aos espíritos em transição. Todas as vibrações das baixas esferas sintonizam-se com o ritmo carnavalesco [...], sintonizam-se perfeitamente com as vibrações inferiores que se traduzem literalmente na monotonia dos atabaques bárbaros, na melancolia frenética e histérica das zumbaias cadenciadas (Fonseca Jr, 1954 apud Isaia, 1999:112).

Isaia prosseguindo sua análise considera que esta aproximação com os valores kardecistas fica mais nítida quando a maioria dos intelectuais umbandistas fará distinção entre a Umbanda e a Quimbanda. Para esses intelectuais, o mundo instintivo, baixo, “esquerdo”, dominado pelas falanges de seres não evoluídos, as diversas modalidades de Exus.

O autor explicando essa visão dos intelectuais assinala que para eles, o Exu como qualquer espírito, teria condições de evoluir, de abandonar as “trevas”, buscando a “luz”. Isso se daria à medida que passassem a integrar os trabalhos de “caridade” propostos pela Umbanda, segundo a ética cristã reinterpretada por Kardec.

Observamos nessa explicação como esses intelectuais contribuíram para construir uma imagem negativa de Exu conforme analisaremos no próximo capítulo.

Isaia define que os intelectuais umbandistas tentaram plasmar uma identidade completamente distinta tanto do Candomblé como da Macumba e da Quimbanda. Essa oposição, tentada por esses intelectuais da primeira metade do século XX, não alcançou o cotidiano dos centros umbandistas que, embora se filiando às federações umbandistas não seguiam na íntegra as determinações doutrinárias e rituais propostas pelos intelectuais da nova religião e assumidas por essas organizações.

Nas minhas pesquisas visitando centros, fazendo observações, percebo que até hoje essa característica da Umbanda de autonomia dos centros, permanece. Ou seja, embora com muitos livros, canais de Youtube, cursos de Umbanda EAD (cursos a distância) cada dirigente do centro segue a sua vontade, organiza o culto de acordo com seu modo de ver a religião. Dai ser difícil, eu diria quase impossível nas próximas décadas a Umbanda ter uma codificação, muito falada, mas de difícil concretização.

Em seguida, Isaia reafirma que os intelectuais umbandistas ao assumirem o discurso do Espiritismo francês do século XIX, altamente influenciado pela escola pedagógica de Pestalozzi; (faço uma ressalva para dizer que Alan Kardec foi discípulo do suíço Johann Heinrich Pestalozzi), o livro desempenharia um importante papel. Os intelectuais da Umbanda ao mesmo tempo em que valorizavam o livro, procuravam deixar claro as diferenças entre a Umbanda e demais cultos de matriz africana. Ao contrário do Candomblé em que a ritualística, os preceitos são transmitidos oralmente, a Umbanda nos seus primórdios, fez questão de se apresentar como uma religião letrada em consonância com os valores consentidos pelas regras dominantes na sociedade.

Faço uma pequena observação para dizer que atualmente também o Candomblé tem muitos livros, revistas e jornais publicados.

Isaia destaca que a exegese dos intelectuais de Umbanda da primeira metade do século XIX, no seu afã de ter a palavra definitiva do que seria a Umbanda, tentou impor a representação de uma religião letrada, nacional e totalmente em harmonia com as regras simbólicas orientadoras do agir coletivo, numa imposição nem de longe reproduzida canonicamente no

cotidiano umbandista. O autor reafirma que os centros permaneciam distantes destas questões propostas pela intelectualidade.

O autor salienta que após o Primeiro Congresso do Espiritismo de Umbanda multiplicaram-se vários livros de intelectuais umbandistas que tentavam propor codificações rituais e doutrinárias, aparecendo catecismos, manuais de condução de trabalhos, etc., que, comumente conflitavam em suas interpretações.

Concluindo sua importante pesquisa, Isaia afirma que na obra desses intelectuais da primeira metade do século XX, progresso, evolução e civilização foram ideias recorrentes. Contudo, a nota dominante na obra desses intelectuais aponta para um efetivo trabalho de desafricanização, de aproximação com os valores dominantes na sociedade. Reafirma-se na obra dos intelectuais umbandistas uma identidade livresca, científica e familiar ao universo burguês, em íntima ligação com o Espiritismo francês do século XIX.

Sendo assim, afirma o autor, tanto o sucesso desses intelectuais em aproximar a Umbanda dos significados socialmente dominantes como seu insucesso em impor suas exegeses e codificações às bases umbandistas.

Mas acredito que apesar das incoerências, preconceitos, esses intelectuais umbandistas tiveram boa intenção ao tentar criar uma codificação, apresentar a Umbanda como uma religião moderna e inseri-la numa sociedade que era racista e desigual e ainda vivendo, no início desse processo, sob a égide da ditadura varguista que invadia terreiros e perseguia sacerdotes. A antropóloga Yvonne Maggie no livro Medo do Feitiço faz uma profunda análise sobre as perseguições policiais às religiões de matriz africana.

Esses intelectuais umbandistas eram pessoas do seu tempo, viviam em um contexto histórico diferente do atual. Corriam até o risco de prisão e sabemos como eram as prisões e as torturas do Estado Novo.

Assim, apesar de alguns equívocos, divergências de interpretações, esses intelectuais construíram uma identidade livresca que ajudou a criar, aos poucos, uma cultura que o adepto umbandista precisava aprender sobre sua religião. E hoje com a internet podemos falar em “explosão” de sites e canais umbandistas, alguns deles com centenas de milhares de visualização que tem o objetivo de ensinar a religião.

Os intelectuais umbandistas pós- congresso contribuíram para isso.

CAPÍTULO II

A TRAJETÓRIA DE EXU NA LITERATURA UMBANDISTA: OS ESCRITORES PIONEIROS - ANOS 40-50- 60-70.

Neste capítulo, a proposta é analisar as transformações da entidade de Exu na Umbanda através da literatura umbandista, e analisar como os primeiros intelectuais umbandistas após o Primeiro Congresso, na tentativa de criar uma base teórica doutrinária para a Umbanda e no que se refere a Exu, contribuíram para a demonização desta Entidade com suas interpretações sobre o seu significado. Identificaremos também, neste capítulo, o trabalho de alguns escritores, ainda na fase pioneira que pouco depois destes primeiros intelectuais da primeira metade do século XX, se opuseram às suas ideias.

O Orixá Exu com certeza é a divindade mais controversa da Umbanda. Existem várias teorias sobre Exu, desde a sua origem até sua personalidade, suas características e seus atributos. Exu é o Orixá da ação e do movimento, é dinâmico, tanto que no idioma iorubá exu significa esfera (Trindade, 2013, p. 92).

Exu é um orixá de difícil interpretação. Nesse sentido, vários pesquisadores que se propuseram a estudá-lo, tiveram dificuldades para definir um padrão para Exu. O cerne da questão, talvez influenciado pela concepção judaico-cristã, é se o Orixá Exu é bom ou mau. Exu é um tema de reflexão na literatura antropológica sobre as religiões afro-brasileira, dos seus clássicos aos autores contemporâneos.

No livro *O Animismo Fetichista dos Negros Baianos*, Nina Rodrigues afirma que:

Em ordem de importância numa concepção mitológica, devemos mencionar em seguida [após Obatalá ou Oxalá] o orixá Exu, divindade adversa ou pouco propícia aos homens. Exu, Bará ou Elegbara, é um santo ou orixá que os afro-baianos têm grande tendência a confundir como o diabo. Tenho ouvido mesmo de negros africanos que todos os santos podem se servir de Exu para mandar tentar ou perseguir a uma pessoa. Em uma altercação qualquer de negros em que quase sempre levantam uma celeuma pelo motivo mais fútil, não é raro entre nós, ouvir-se gritar pelos mais prudentes: Fulano olha Exu! Precisamente como diriam velhas beatas: olha a tentação do demônio! No entanto sou levado a crer que esta identificação é apenas o produto de uma influência do ensino católico. Exu é um orixá ou santo, como os outros tem a sua confraria especial e seus adoradores. No templo ou terreiro do Gantois, o primeiro dia da grande festa é consagrado a Exu. (RODRIGUES, 2006: 40-41)

Outro importante pesquisador de religiões afro-brasileiras foi o francês Pierre Fatumbi Verger. Verger se fixou na Bahia, mas fez várias viagens para a África para conhecer de perto as religiões africanas, que ele chamava de fetiches. Muniu-se de farta documentação,

adquirindo também uma profunda visão de base empírica, além de ter se convertido à religião tornando-se babalaô e recebendo também o nome Fatumbi. Verger (2012) transcreve trechos de dezenas de escritores/ viajantes europeus que escreveram sobre Os Orixás e logicamente sobre Exu. No livro ele divide os escritores em três categorias: os primeiros navegantes; negreiros e compiladores e exploradores, missionários e antropólogos. Verger afirma que os primeiros relatos sobre as religiões africanas começaram ainda no século XV, mas só no século XIX que começaram a circular informações sobre o povo iorubá.

Assim, se referindo a Exu, Verger diz que:

Exu é um orixá ou um eborá de múltiplos e contraditórios aspectos, o que torna difícil defini-lo de maneira coerente. De caráter irascível, ele gosta de suscitar dissensões e disputas, de provocar acidentes e calamidades públicas e privadas. É astucioso, grosseiro, vaidoso, indecente, a tal ponto que os primeiros missionários, assustados com essas características, compram-no ao diabo, dele fazendo o símbolo de tudo o que é maldade, perversidade, abjeção, ódio, em oposição à bondade, à pureza, à elevação e ao amor de Deus. (VERGER, 2012, p. 119)

Todavia, confirmando o caráter controverso das interpretações do Orixá Exu, em outra obra intitulada Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo, Verger assinala que:

Entretanto, exu possui o seu lado bom e, se ele é tratado com consideração, reage favoravelmente, mostrando-se serviçal e prestativo. Se, pelo contrário, as pessoas se esquecerem de lhe oferecerem sacrifícios e oferendas, podem esperar todas as catástrofes Exu revela-se, talvez, dessa maneira o mais humano dos orixás, nem completamente mau, nem completamente bom. Ele tem as qualidades dos seus defeitos, pois é dinâmico e jovial, constituindo-se, assim, um orixá protetor, havendo mesmo pessoas na África que usam orgulhosamente nomes como Èùbáyí (concebido por Exu), ou (Exu merece ser adorado). (1981:39)

Outro autor clássico nas pesquisas sobre religião de matriz africana é o francês Roger Bastide. Na obra *As Religiões Africanas no Brasil*, ele faz uma análise da religião dos escravos, dando ênfase ao aspecto social, analisando as mudanças ocorridas nesta religião com sua inserção na sociedade escravista. Para Bastide, a manutenção das religiões africanas deve ser vista no dualismo de classes opostas. Assim, a luta das civilizações é somente um aspecto da luta das raças ou das classes econômicas no seio de uma sociedade de estrutura escravista. O negro não podia se defender materialmente contra um regime onde todos os direitos pertenciam aos brancos. Refugiou-se nos valores místicos, os únicos que não lhe podiam tirar o que resultou numa nova orientação às representações coletivas trazidas da África. Nesse sentido, como pedir

aos Orixás, Voduns ou Inquices a fertilidade das mulheres se elas gerariam pequenos escravos? Melhor pedir a esterilidade. Assim que ocorre a primeira seleção dos Orixás. Os Orixás protetores da agricultura são esquecidos, afinal como pedir boa colheita que só favoreceria ao senhor proprietário de escravos? Outras divindades ganham importância mesmo sofrendo algumas mudanças nos seus atributos da época da África, ressaltando os aspectos mais adequados a uma sociedade desigual. Assim, Ogum patrono dos ferreiros terá ressaltado seu caráter de deus da guerra. Xangô como Orixá da justiça e Exu perderá seu caráter de divindade da ordem cósmica para lutar contra a desordem de uma sociedade de exploração racial. (Bastide, 1971: 96-97)

Prosseguindo sua pesquisa, Bastide analisa a personalidade do Orixá Exu:

Nina Rodrigues já no começo do século XX fala de um “dualismo rudimentar de selvagens” entre as forças do bem e do mal. Na realidade, nada tão longe do pensamento africano como o maniqueísmo. Todas as divindades são ambivalentes, tanto podem fazer o bem como o mal, e se Exu é uma personalidade particularmente maliciosa, protege também seus próprios fiéis e serve àqueles que lhe oferecem sacrifícios. Mas, isso posto, não deixa de ser verdade que o caráter sinistro de Exu tende a levar vantagem sobre seu tipo de Mercúrio africano, intermediário entre os homens e os outros Orixás. (BASTIDE, 1971, p.348)

Em seguida, Bastide explica que algumas características do caráter do Exu africano se desenvolveram mais que outras devido à escravidão. Exu foi usado pelos escravos em sua luta contra os senhores brancos, enquanto patrono da feitiçaria e, dessa forma seu caráter sinistro, como já foi dito, se acentuou em detrimento do seu caráter de mensageiro. O deus fanfarrão tornou-se o deus cruel que mata, envenena, enlouquece. Porém, essa crueldade tinha um sentido único, mostrando-se Exu, em compensação, aos seus fiéis negros, como o salvador e o amigo indulgente. Ainda conforme Bastide, a abolição da escravidão, a proclamação da igualdade jurídica entre todos os brasileiros deveria parar esse movimento para o diabólico, pois que a oposição de castas cessara; contudo, as perseguições policiais contra as seitas religiosas africanas, agiram no sentido da acentuação da tendência colonial. (Bastide, 1971: 349).

Prandi (2001) explicando as características de Exu destaca suas características de mensageiro. Ele aponta que na visão iorubá é preciso saber se os Orixás estão satisfeitos com a atenção a eles dispensada pelos seres humanos. Exu propicia essa comunicação, traz suas mensagens, é o mensageiro. Segundo o autor, é fundamental para a sua sobrevivência que os seres humanos recebam essas determinações, essas orientações dos Orixás. É Exu que faz essa ponte entre os Orixás e os humanos, especialmente nas consultas oraculares. Como os Orixás interferem em tudo que ocorre no mundo, inclusive nos fenômenos da natureza, nada acontece

sem o trabalho intermediário do mensageiro e transportador Exu. Nada se faz sem ele. Nada é possível sem ele. O poder de Exu é incomensurável (2001:50)

Exu é o portador das orientações e ordens, é o porta-voz dos deuses e entre os deuses. Exu faz a ponte entre este mundo e o mundo dos Orixás, especialmente nas consultas oraculares. (...) nada acontece sem o trabalho de intermediário do mensageiro e transportador Exu. Nada se faz sem ele, nenhuma mudança, nem mesmo uma repetição. (PRANDI, 2001, p.50)

Em seguida, Prandi (2001) analisa a questão das oferendas explicando que a oferenda, é a única forma pela qual os seres humanos se dirigem aos Orixás e este sacrifício, a oferenda, significa a reafirmação dos laços de lealdade, solidariedade e retribuição entre os habitantes do Aiyê, os humanos, e os habitantes do Orun, os Orixás. Assim, quando se oferece um Orixá é necessário que Exu também receba uma oferenda senão a comunicação não se realiza. Por isso, se criou a ideia que Exu não trabalha sem pagamento e, segundo Prandi, quando o ideal cristão do trabalho desinteressado da caridade se interpôs entre os Santos católicos e os Orixás, Exu recebeu a imagem de mercenário e venal. Entretanto, Exu não faz distinção entre aqueles a quem deve prestar serviço por imposição do seu cargo. Exu não pode ter preferência. (2001:50)

Analisando a razão de Exu ser considerado perigoso e temido, o autor afirma que é porque esta divindade tem caráter transformador, é aquele que tem o poder de quebrar a tradição, romper a norma e promover a mudança, ele é o próprio princípio do movimento que tudo transforma que não respeita limites e assim tudo o que contraria as normas sociais que regulam o cotidiano passa a ser atributo de Exu. (2001:50)

Prandi (2001) relaciona Exu com a vida sexual dos iorubás com o intuito de explicar porque os iorubás consideram Exu o patrono da cópula e dessa forma, desconstruir a ideia criada pelos primeiros missionários e viajantes que estabeleceram contatos com os africanos e que demonizaram este Orixá ao conhecerem os símbolos fálicos que o representavam.

O autor afirma que para o africano dessas culturas antigas é importante ter uma grande quantidade de filhos e várias esposas que garantam isso. Nesse sentido, é importante ter uma vida sexual bastante regular. Assim, segundo Prandi, o “sexo tem um sentido social” e envolve a ideia de perpetuação da linhagem, os filhos gerados vão garantir a continuidade do povo. Então, a atividade sexual é fundamental para isso. E é Exu quem rege a sexualidade e a reprodução, representados nos seus símbolos. (2001:50).

Vagner Gonçalves da Silva (2005) resume as características de Exu:

Desde sua origem na África, está associado ao poder de fertilização e à força transformadora das coisas. Nada se faz, portanto, sem sua permissão. Exu, quando não é solicitado diretamente, é quem conduz o pedido dos homens para os outros deuses. Entre os objetos que o representam está o ogó,

instrumento de madeira esculpido em forma de pênis e adornado com cabaças e búzios que representamos testículos e o sêmen. Espírito justo, porém vingativo, Exu nada executa sem obter algo em troca e não esquece de cobrar as promessas feitas a ele. (SILVA, 2005, p.70)

Mas como assinala Patrícia Birman: “*a característica de ontem não significa a mesma coisa agora. O sentido dos símbolos muda junto com a sociedade que os utiliza*” (BIRMAN, 1985, p. 30). E isso é o que se pode observar que vem acontecendo em relação às características de Exu na Umbanda, tanto na literatura Antropológica, como na literatura Umbandista. E é a esta que passo a me dedicar.

2.1 - A Trajetória de Exu na Literatura Umbandista: os escritores umbandistas pioneiros

O livro *Espiritismo, a Magia e as Sete linhas de Umbanda* é considerado o primeiro livro de Umbanda. Foi escrito por Leal de Souza e publicado em 1933. Leal de Souza era jornalista e escritor conceituado, no Rio de Janeiro participando dos mesmos ambientes literários que Olavo Bilac e Coelho Neto, entre outros escritores famosos da época. Embora este livro tenha sido o primeiro a analisar especificamente a Umbanda, Leal de Souza publicou no ano de 1925, *No Mundo dos Espíritos*, resultado de uma investigação sobre Espiritismo realizada a pedido do jornal A Noite. Neste livro, Leal de Souza fez referência embora, de forma ocasional à umbanda e a macumba, aos Caboclos e Pretos Velhos e não fez nenhuma menção aos Orixás. (Trindade, 2008 apud Souza, 2008, p.12).

Leal de Souza (2008) só usa o termo Exu uma vez, no capítulo 17 intitulado o despacho: “*Os despachos aos elementos da linha negra, isto é, a exu, ao povo da encruzilhada, são feitos nos lugares que lhe deu essa designação*”. (2008: 77) Leal de Souza informa ainda que despacho é um presente, ou uma paga para alcançar um favor, muitas vezes consistente no aniquilamento de uma pessoa (2008:76). Souza inclusive fez um primeiro esboço das sete linhas de Umbanda e na sétima linha ele chama de linha de santo ou de linha das almas.

Dando explicações sobre esta linha de santo, o autor explica que os trabalhadores dessa linha, Caboclos ou negros, são egressos da linha negra, e têm duas missões essenciais na linha branca: preparar os despachos ao povo da encruzilhada e tentar convencer, segundo Souza, seus antigos companheiros a suspender as hostilidades contra os protegidos da linha branca. Segundo o autor, os Espíritos da linha de santo usam a cor simbólica preta, de Exu. Souza explica ainda, que em cada linha comandada por um Orixá, existem falanges especiais. Exemplifica a linha de Ogum que tem na sua falange especial “Tranca-Rua”.

O autor compara estas falanges especiais às brigadas dentro das divisões de um exército (2008: 80-82). Deve-se destacar que as funções que Souza atribui à linha de santo, citadas acima, pelas análises atuais, são atribuídas aos Exus. Observa-se que para a visão que existe atualmente sobre Exu, as afirmações de Leal de Souza são no mínimo controversas, mas não se pode esquecer que ele foi pioneiro nas pesquisas sobre a Umbanda que também era muito recente enquanto religião, até então, ninguém tinha escrito sobre esta religião que estava ainda se estruturando. Contudo, quando Leal de Souza fez afirmações desse teor, teve um peso, devido ao prestígio desfrutado pelo escritor. E deve ter servido de base para análises de escritores que escreveram sobre Exu, na década seguinte.

Prosseguindo na análise da trajetória de Exu, após o lançamento em 1933 do livro de Leal de Souza, foi inaugurada, em 1935, por ordem do médium Zélio de Moraes / Caboclo das Sete Encruzilhadas a Tenda Espírita São Jorge, uma das sete fundadas por orientação Deles. Nesta Tenda, pela primeira vez, começou o uso de atabaques nas sessões e também tiveram início as sessões de Exu.

2.2 A demonização de Exu na literatura umbandista

Com a realização do Primeiro Congresso de Umbanda em 1941, houve a apresentação de várias palestras que buscavam sistematizar a religião. Em nenhuma das 13 teses apresentadas havia uma referência específica ao termo Exu. Embora tenha havido uma menção a uma das funções exercidas por esta entidade. Foi no estudo defendido pelo representante da Tenda Espírita Fé e Humildade, Eurico Lagden Moerbeck, presidente do Congresso, no estudo intitulado: BANHOS DE DESCARGA E DEFUMADORES, Moerbeck assinala que:

Novamente o *obcessor*, para desconcertar os dois, desviara os fluidos para o baço, deixando livres o coração e o fígado. E assim continuará o sofrimento da *creatura*, com probabilidades de ter de suportar até intervenções cirúrgicas dolorosas, se alguma entidade amiga, o seu Guardiã, por exemplo, não intervier em seu favor. (MOERBECK, 1942, p. 53).

Observa-se, na citação, a menção à Entidade amiga, um Guardiã umas das denominações relacionadas a Exu. Deduz-se, no exemplo assinalado pelo palestrante, que a Entidade que ele se refere como Guardiã trata-se de um Exu, pois a ação proposta pelo palestrante é a proteção contra a ação de espíritos dedicados ao mal, um dos atributos dos Exus na Umbanda.

Após a realização do Primeiro Congresso, começaram a surgir vários livros de Umbanda (Trindade, 2010: 42) e muitos desses intelectuais umbandistas com suas afirmações, sem dúvidas contribuíram para aumentar a visão negativa que existia de Exu não só entre os integrantes das religiões de matriz africana como na própria sociedade.

Não quero fazer juízo de valor ao analisar a visão desses autores, pois era uma religião nova e eles foram os primeiros que tentaram criar uma base teórica para religião num contexto de perseguições policiais, forte preconceito racial e pressões da religião majoritária, o catolicismo.

Mas o fato é que as suas descrições, interpretações, influenciaram até os próprios santeiros, fabricantes de imagens religiosas, que idealizaram as imagens de Exu e Pomba Gira tendo como referência estes conceitos que entendiam estas Entidades como sendo diabólicas. Só recentemente, neste processo de ressignificação de Exu que está ocorrendo, está havendo também uma modificação na confecção das imagens de Exu e Pomba Gira, mostrando figuras mais humanizadas.

Nesse contexto, um dos primeiros livros pós-congresso e que vão contribuir para a demonização do Exu na Umbanda foi *Umbanda (Magia Branca) e Quimbanda (Magia Negra)* publicado, em 1942, pela editora São José escrito e por Lourenço Braga.

Segundo Diamantino Trindade (2010), Lourenço Braga *prestou um desserviço* à Umbanda quando afirmou que os Exus são egoístas, interesseiros e vingativos. Braga ainda assinalou que eles praticam o bem e o mal em troca de presentes nas encruzilhadas, nos cemitérios, nas matas, nos rios, nas pedreiras e nas campinas. Trindade acredita que Lourenço Braga deve ter confundido Exus com quiumbas que são considerados espíritos sem luz voltados para fazer o mal, que usam a magia do mal. Mas, diferentemente da visão católico-evangélica que afirma que entidades semelhantes ficaram por toda a eternidade no inferno, na visão espírita/umbandista, elas podem regenerar-se e buscarem a evolução.

Continuando na análise que este pioneiro autor faz sobre os guardiões, Trindade (2010) continua destacando as afirmações dele: os Exus de Omulu são seres peludos, cinzentos, com mãos e pés em forma de garra, orelhas pontudas, dentes idênticos aos dos javalis, chifrudos e tortos. Continuando, Lourenço Braga disse também que os Exus do cemitério apresentam forma de esqueleto; os da linha de Malei possuem cauda, chifres, pés e patas de bode; alguns se apresentam em forma de morcego ou gorila e quando são chefes usam tridentes. Os de nagô usam tangas, argolas e pulseiras.

Prosseguindo o estudo dos autores pioneiros, Aluízio Fontenelle seguiu a mesma linha de Lourenço Braga e fez descrições que contribuíram para aprofundar a demonização de Exu. Fontenelle publicou o livro *Exu*, em 1951, pela editora Espiritualista. Escritor de livros infanto-juvenis e como ele se define, sacerdote umbandista. Em vários momentos do texto demonstra uma sincera devoção à Umbanda: “a Umbanda é a luz divina, é a força, é a fé, ou melhor: é a própria vida.” (1954:71)

Entretanto, Fontenelle em vários momentos apresenta uma falta de modéstia: “*Este trabalho não estaria totalmente perfeito, se não me propusesse a esclarecer certos pontos que condissessem com a matéria nele encerrada*” (1954:11); mais adiante, o autor prossegue na supervalorização do seu trabalho:

Outrossim, afirmo, que a maioria das obras escritas sobre a Umbanda, jamais preencheram perfeitamente a condição de narrar o que de verdadeiro existe na religião(...) Hei de elevar o conceito dessa lei, nem que para isso tenha que ficar sozinho no campo de batalha (1954: 79)

Pode-se perceber certo preconceito intelectual por parte do autor, pois considera sua obra tão importante que quem não entender não tem uma boa capacidade intelectual. Fontenelle assinala que:

Se fores bastante inteligente, tanto melhor; porém, se tua capacidade é medíocre, lutarás com alguma dificuldade para compreender o significado das minhas palavras e, quiçá, me deixarás falando sozinho, por não te interessar absolutamente o assunto sobre o qual versará este livro, por ser demasiado pesado para ti, (...) Se fores um intelectual, com mais forte razão este trabalho te agradará. (FONTENELLE, 1954, p.18)

O autor sem dúvidas fez uma profunda pesquisa embora ele misture a Cabala⁵, com o Esoterismo e a Umbanda. Analisaremos a seguir a visão de Fontenelle sobre os Exus. Logo na apresentação, este autor dá o viés que seguirá durante toda a obra: “*Por se tratar de uma obra que define de um modo claro e insofismável toda a atuação das entidades do Mal que se denominam Exus, (...) Cuidado com o POVO DE EXU, porque ele tanto serve para o bem, como serve para o mal*”. (1954: 11-12)

Cabe destacar que Fontenelle considera a Umbanda uma corrente do Espiritismo, fato controverso tanto no campo Umbandista quanto no Kardecista onde suas lideranças nos seus meios de comunicação fazem um grande esforço para desconstruir a ideia de que as religiões de matriz africana fazem parte do Kardecismo.

⁵ A **Cabala** é uma doutrina mística judaica que procura compreender a essência de Deus e do Universo.

Sobre Exu, objeto do livro, pode-se assinalar várias ideias do referido autor que em todo texto define esta Entidade como agente do mal. Ele afirma se basear nos conhecimentos obtidos na literatura de alta magia.

Sobre as Entidades do mal, com a denominação de “Exus”, nas Leis de Umbanda e Quimbanda representam o que os católicos e protestantes denominam de demônios ou Anjos Maus, e o que na doutrina de Kardec são chamados de espíritos do mal (também conhecidos como espíritos obsessores), invocados nos trabalhos de magia negra.

Fontenelle recorrendo à mitologia judaico-cristã para explicar a origem do termo exu, afirma que a palavra Exu nunca veio do latim nem tampouco se originou de qualquer língua africana como o iorubá ou o banto, etc. Essa palavra, ainda segundo o autor, foi pronunciada por Deus (*sic*) na língua Ijudice (língua dos espíritos) quando por ocasião da revolta havida nos paramos celestiais, entre os Anjos que faziam parte da Suprema Corte do Céu, Lúcifer, o Anjo Belo, pretendendo a supremacia dos direitos que lhe outorgara o Criador, como chefe dos seus subordinados, julgou-se no direito de ser maior que o próprio Deus.

Por ocasião, foi-lhe imposta a pecha de EXUD (que quer: dizer povo traidor), e, enxotado, foi condenado a habitar as profundezas da Terra, tornando-se esse o reinado. Entretanto, a designação de EXUD foi sofrendo modificações, e já no original Palli bem como no original hebraico, passou a denominar-se Exu com a significação de Povos. (1954: 84)

Prosseguindo a sua análise, Fontenelle continua se baseando na mitologia judaico-cristã para corroborar, não suas hipóteses, mas suas afirmativas que ele considera como verdades absolutas.

Com o aparecimento de Adão e Eva, querendo estes conhecer justamente o outro lado do Éden, cuja proibição lhes havia sido imposta pelo Criador, foi que se originou o PECADO ORIGINAL, pois, ao travarem conhecimento com o mundo dos Exus, foram por eles iniciados na maldade, e a seguir, sentindo-se envergonhados da sua nudez, procuraram cobrir seus corpos. (...) Expulsos como foram do Paraíso, ficaram Adão e Eva, bem como todos os seus descendentes, a mercê dos Exus, e daí, surgiram na face da terra todos os males que atualmente nos afligem. (FONTENELLE, 1954, p.85)

O autor na sua análise culpa os Exus pelo pecado original, por iniciarem Adão e Eva no mundo da maldade, considera o Anjo Belo ou Lúcifer como sendo o maioral dos Exus (1954:93-103) e ao citar as características dos Exus; inclusive dando seus nomes esotéricos, como por exemplo, o Exu Caveira cujo nome esotérico, segundo o autor, é Sergulath ou o Exu Tranca Ruas, esotericamente chamado de Tarchimache. Observa-se que nas dezenas de pontos

cantados indicados pelo escritor, a exceção de um, não há nenhuma menção a alguma característica que relacione o citado Exu com características malignas.

Esta visão de Fontenelle com certeza teve um peso nas representações negativas que foram desenvolvidas sobre Exu na Umbanda, até porque ele é um dos escritores pioneiros e o primeiro a escrever um livro só sobre Exu. Mas ele não é o único culpado, pois Exu desde que chegou ao Brasil junto com a crença dos africanos escravizados já veio com um estigma negativo a partir da deturpação imposta pelos primeiros missionários católicos que começaram a chegar à África no século XV. Estigma que foi acentuado no período de escravidão acarretando que os próprios escravizados, principalmente os nascidos no Brasil, os chamados crioulos também assimilassem esta visão distorcida das verdadeiras características desta Divindade.

Assim, esta visão do autor, provavelmente muito contribuiu para a composição de pontos cantados que se referem a Exu comparado- o a Satanás ou Lúcifer e que são cantados⁶ até hoje em terreiros de Umbanda, embora cada vez menos, devido ao esforço dos escritores umbandistas e dirigentes de terreiro que ao longo do tempo vêm se esforçando para desfazer essa distorção. Cabe ressaltar que atualmente as redes sociais e portais da internet contribuem nesse processo de legitimação de Exu, substituindo o papel que anteriormente era feito pelos informativos dos centros umbandistas pequenos jornais amadores muito comuns até o surgimento desta nova tecnologia.

Pedro Miranda, ex-presidente da União Espiritista de Umbanda do Brasil, herdeira da Federação Espírita de Umbanda, e ex-dirigente da Tenda Espírita São Jorge numa entrevista⁷ concedida ao portal da Seara Espiritualista Falangeiros da Aruanda, uma organização religiosa de Umbanda, ao ser indagado se o Exu era a Entidade mais mistificada de todas, afirma que:

Sempre foi. A Tenda Nossa Senhora da Piedade (primeiro terreiro de Umbanda a se ter registro), a Tenda Mirim, os Caminheiros da Verdade, por exemplo, não tinham gira de Exu. A Tenda Espírita São Jorge sempre teve, embora também tivesse sido fundada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, mesmo fundador da Nossa Senhora da Piedade. Mas pra essa gira apagavam-se as luzes, fechavam as cortinas e não tinha assistência. Eu nunca aceitei isso. Se a Umbanda fala em Jesus, Maria e caridade, não admitia que houvesse entidade que não trabalhasse na caridade e era isso que estávamos passando com esses gestos.

⁶ Pontos cantados são orações em forma de cânticos que harmonizam o ambiente para a sintonia com os Benfeitores Espirituais.

⁷ Entrevista completa disponível em: < <http://falangeirosdaaruanda-sefa.blogspot.com/2013/04/entrevista-pedro-miranda-presidente-da.html>> .

Respondendo a outra pergunta dos entrevistadores, no mesmo portal, em relação a sua opinião sobre se os médiuns umbandistas teriam contribuído para os preconceitos históricos sobre a religião umbandista, Pedro Miranda (2013) respondeu:

Sim. Vou dar um exemplo: em 1940, um médium da Tenda Espírita São Jorge, Henrique Pinto, trabalhava com Tranca Ruas das Almas. Ele deixou um recado num ponto cantado que falava em Jesus. Se os irmãos não entenderam, é uma pena. Não temos capetas. Não existe diabo. Não existe Satanás. Entretanto nós mesmos falávamos que o Exu era o diabo. Antes de nos sentirmos magoados, temos que nos redimir de nossas próprias falhas. Jesus falava em parábolas e até hoje a humanidade não entendeu as palavras de Jesus.

As ideias defendidas por Fontenelle, no livro aqui analisado, não mais se sustentam atualmente com os novos conceitos que começaram a ser construídos sobre Exu, já a partir da década de 1960 e que vieram se consolidar a partir do último quartel do século 20.

2.3 - Primeiros passos da desconstrução da demonização de Exu nos livros da Umbanda

Outro autor umbandista desse período, pós-Congresso, e provavelmente o primeiro, foi João de Freitas que logo após o Primeiro Congresso, escreveu pela editora Espiritualista o livro *Umbanda*, publicado em 1941. Quase 30 anos depois, em 1970, João de Freitas escreveu um livro especificamente sobre os também chamados na Umbanda de Guardiões, denominado: *Exu na Umbanda*, também publicado pela editora Espiritualista.

Neste texto, Freitas (1971, apud Trindade, 2010) propõe-se a desmistificar esta Entidade, procurando desconstruir conceitos formados que passavam uma visão negativa da Umbanda e dos Exus. O autor condena as imagens diabólicas: “*Acabe-se, pois, de vez com essas estatuetas grotescas que alimentam uma falsa imagem dos exus e que constituem, para muitos, verdadeiras indústria e preciosa fonte de renda*” (1971, apud Trindade, 2010:45). Freitas procura dissociar Exu das supostas ligações com o mal:

A prova exuberante de que os exus não são forças maléficas é que sua vibratória sintoniza com a do orixá Ogum, o deus da guerra . Ogum Megê, o chefe da falange de Ogum, é sempre invocado na abertura das engiras dos exus. Somente após a curimba de Ogum é que é cantada a dos elementais. (1971, apud Trindade, 2010)

Outro escritor umbandista, escritor de 22 livros escritos, foi Antônio Alves Teixeira Neto, que usou em vários títulos o pseudônimo de Antônio de Alva. Em 1967, este autor publicou *O Livro dos Exus, Kiumbas e Egun*, usando o pseudônimo indicado acima. Como

outros autores dá sua visão, fez organogramas sobre as falanges, mostrou pontos cantados e pontos riscados⁸ sobre Exu. Entretanto, neste livro, contribuiu para tumultuar o pensamento dos umbandistas:

Para mim, exu não é, nunca foi, nem nunca será o célebre “diabo católico” de chifres e pés de pato que todos conhecem. Sempre defendi que, na verdade, o exu é apenas um espírito que cometeu faltas bem maiores que as dos outros e que por isso, tem de fazer o mal, pois é exatamente fazendo o mal que ele sofrerá as consequências e irá, logicamente, pagar sua enorme dívida. Sim, porque sofrendo em si mesmo o efeito do mal que fez a outrem, compreenderá e sofrimento é esse e, dessa forma, por uma questão de raciocínio ou discernimento, pouco a pouco irá deixando de praticar o mal e se inclinará à praticar o bem. (Alva, 1967 apud Trindade, 2015:88).

Trindade aponta, ainda, que Antônio Alves Teixeira Neto recorreu a Aluizio Fontenelle, analisado anteriormente para relacionar Exu com Lúcifer. (2015:89)

Percebe-se nesta citação que Alva/Teixeira Neto emitiu conceitos tentando justificar a suposta maldade de Exu, relacionando-a com a lei do carma, embora de forma confusa: “Sempre defendi que, na verdade, o exu é apenas um espírito que cometeu faltas (...) por isso, tem de fazer o mal, pois é exatamente fazendo o mal que ele sofrerá as consequências e irá, logicamente, pagar sua enorme dívida”. Entretanto, confundiu mais que esclareceu.

Outro intelectual umbandista considerado um dos expoentes da literatura umbandista foi Woodrow Wilson da Matta e Silva e que se tornou pioneiro como fundador de uma corrente de pensamento umbandista, denominada por ele de Umbanda Esotérica. Autor de nove livros sobre Umbanda e que foi a principal referência umbandista para Renato Ortiz no clássico *A morte branca do feiticeiro negro*. Matta e Silva também emitiu sua visão sobre Exu, embora não tenha publicado nenhum livro específico sobre tema.

Destaco aqui o livro *Lições de Umbanda (e Quimbanda) na Palavra de um Preto Velho*, publicado em 1961 e considerado uma obra mediúnica, ou seja, recebido pela psicografia na qual o médium escreve o que está sendo transmitido pelo Espírito ou com o médium incorporado com um Espírito que fala através do médium. No caso deste livro, W. W. Matta e Silva estava incorporado com um Preto Velho chamado Pai Guiné.

Este livro foi organizado em forma de diálogos entre o Preto Velho e um discípulo chamado Cícero, médico, pesquisador e como o autor chama, “filho- de- fê”. O autor assegura que os diálogos são verdadeiros, respeitando as adaptações feitas para o formato literário.

⁸ Ponto Riscado é a identificação da Entidade que está se comunicando. Estabelece a sintonia entre esta Entidade e a falange com que ela trabalha.

Segundo Matta e Silva (1995: 8), Preto Velho “botou de lado” aquele linguajar de guerra, de uso nos terreiros. Ele agora está falando claro, tem sabedoria. Todavia, ele faz uso, de vez em quando de certos termos da “gíria de terreiro”, para melhor entendimento.

O autor neste livro faz uma análise sucinta sobre Exu e, como vamos observar, procurando desmistificar a visão negativa proposta por outros autores desta geração conforme vimos anteriormente. Propõe-se a fazer uma sistematização, dividindo os Exus em linhas, definindo suas verdadeiras funções, dando sua opinião, contrária às oferendas normalmente dedicadas à estas Entidades: “*quem gosta mesmo de pipoca, farofa, dendê, fita preta e amarela, sangue, carnes diversas e outras coisa mais, não é propriamente o exu-guardião*”. (1995:134)

Prosseguindo, o autor faz uma afirmação que provavelmente causou polêmica entre as lideranças das religiões afro-brasileiras ao dizer que quem “come” ou quem faz tudo para se saciar nas encarnações desses “despachos” são os espíritos do reino da quiumbanda, se referindo aos espíritos sem “luz” chamados de quiumbas na Umbanda e de obsessores no Kardecismo, ou seja, espíritos dedicados a fazer o mal (1995:134).

Conforme afirma Matta e Silva, (1995) o objetivo da sua análise é “*prestar um bom serviço aos verdadeiros Exus e aos incontáveis filhos de terreiro que pensam estarem tendo contato com eles, mas que, em realidade, estão nas garras dos velhos e matreiros quiumbas, os marginais do astral*”.

O autor inicia sua avaliação assegurando que os Exus são uma espécie de “polícia de choque” para o baixo astral. Para Ele, os Exus não são espíritos irresponsáveis, maus, trevosos. Os verdadeiros trevosos, maus, são aqueles a quem eles arrebanham, controlam e frenam.

Matta e Silva assinala que não quer dizer que esses Exus sejam bons, que só façam o bem. Para Eles o conceito de bem e de mal são variações necessárias ao seu aprendizado, são aspectos que eles enfrentam desde que isso esteja dentro das suas funções cármicas. Não fazem nada por conta própria, recebem ordens para atuarem em certos reajustes cármicos. O autor aponta que os espíritos que atuam nessas condições são os Exus intermediários também chamados no cotidiano dos terreiros de “batizados”.

Esses espíritos estão subordinados aos Orixás que os recrutam através de seus Falangeiros (Caboclos, Pretos-Velhos, etc.).

O autor no seu objetivo de criar uma sistematização para a Umbanda e neste caso para o segmento de Exus e Pombas Giras, os divide em 7 legiões fazendo uma analogia com as 7 linhas dos Orixás:

1ª Legião: Exu Sete Encruzilhadas para a linha ou vibração de Oxalá.

2ª Legião: Exu Pomba Gira para a linha ou vibração de Yemanjá.

3ª Legião: Exu Tiriri para a linha ou vibração de Yori.

4ª Legião: Exu Gira Mundo para a linha ou vibração de Xangô.

5ª Legião: Exu Tranca Ruas para a linha ou vibração de Ogum.

6ª Legião: Exu Marabô para a linha ou vibração de Oxóssi.

7ª Legião: Exu Pinga Fogo: para a linha ou vibração de Yorimá.

Cabe ressaltar que a denominação do Orixá Yorimá, na sétima linha, é pouco usada fora da Escola Esotérica, fundada por Matta e Silva. Atualmente, como comandante da sétima linha, é mais comumente usada a denominação Omulu ou Obaluaê.

Matta e Silva (1995) prossegue afirmando que esses Exus intermediários, a “polícia de choque” do baixo astral, empregam até a força bruta, quando necessitam de frear ou exercer uma ação repressiva.

Prosseguindo sua análise sobre Exu, no livro citado acima, o autor destaca que estas Entidades trabalham intensamente numa função cármica, junto aos espíritos ainda longe da “luz” espiritual. Para Ele, os Espíritos iluminados não atuam diretamente nessas regiões habitadas por esses espíritos sem “luz”, pois estas Entidades elevadas têm responsabilidades diversas e superiores, inerentes à sua condição espiritual. Assim, quem desce às regiões do baixo astral para combater, controlar as ações nefastas dos espíritos que lá habitam, são os Exus.

Matta e Silva (1995: 138) também faz sua análise sobre a origem do termo Exu:

A origem dos termos ECHU ou EXU vem do vocábulo IRSHU, do idioma ZEND, palavra que passou a representar para vários povos a dissolução do PRINCÍPIO ESPIRITUAL PURO, que regia esses povos da Antiguidade, inclusive a gente da raça negra. IRSHU foi um príncipe da Índia, filho do imperador UGRA, que por não poder alcançar o trono do seu pai como filho mais moço que era, provocou, apoiado por ambições políticas e religiosas, um violento Cisma, ou seja, uma terrível cisão, nessa época. Isso pelos idos do ano 3200 a.C. Essa cisão produziu uma hedionda guerra de caráter religioso, massacrando, a ferro e fogo, a todos os que se opuseram às facções desse príncipe, destruindo também todos os seus santuários, através de tenaz perseguição a seus sacerdotes e magos (esse episódio é histórico e está descrito no livro Védico SKANDA- PURĀNA bem como no LE RAMAYANA, de H. Fouché). Assim o massacre que esse cisma de IRSHU provocou ficou como marca indelével na memória dos poucos sacerdotes e magos que escaparam, como que representando o princípio do mal.

Observa-se nesta citação que o autor procura explicar como surgiu a representação existente até hoje quer seja o Exu-Orixá, seja o Exu-Entidade como SER ligado às atitudes demoníacas.

Concluindo, Matta e Silva tenta desconstruir a ideia de Exu como agente do mal. Ele assinala que o Exu na Umbanda não encarna nenhum princípio maléfico. Destaca que esta Entidade não é o Diabo da mitologia de certas religiões. Ressalta que nenhum Deus de nenhuma religião “criou” nenhum demônio ou qualquer espírito à semelhança do dito Satanás. Segundo o autor, Exu na Umbanda é um agente mágico, em função cármica disciplinar.

Outro escritor umbandista praticamente ignorado quando é relatada a literatura umbandista, é Paulo Newton de Almeida. Fundador e dirigente do Templo Umbandista “A Caminho da Luz” que dirigiu por 50 anos até seu falecimento em 2018. Este escritor tem quatro livros escritos além de pequenas publicações como a revista Umbanda Século XX que teve cinco volumes publicados na década de 1970.

Paulo Almeida manteve um programa radiofônico no ar durante 48 anos no qual o principal quadro eram as perguntas feitas pelos ouvintes através de cartas em que o escritor expunha seus conceitos sobre Umbanda e que ajudou a formar uma geração de umbandistas, a partir das suas concepções do que Ele denominou Umbanda esotérica. Nesse programa, também declamava poesias dedicadas aos seus Mentores Espirituais.

O escritor na sua obra explica suas concepções sobre Exu, as mesmas que ele defendia no seu programa radiofônico.

Segundo Almeida (1977), a Umbanda evolui e se apresenta culta, atual, superando os tabus e as crendices que marcaram seus primórdios. Não mais se pode aceitar Exu e Pombagira com aspectos aterrorizantes, fantasmagóricos ou imorais, pelo contrário e aí estão os médiuns videntes a atestarem a presença desses Exus e Pombagiras. Eles se apresentam em trajes multicoloridos, podendo ser ciganas, de porte aristocrático ou mulheres apenas comuns de porte vulgar.

Prosseguindo, o autor segue a mesma linha de pensamento de W. W. Matta e Silva e afirma: “ Exu e Pombagira, Entidades não compreendidas, buscam uma elevação espiritual, mas, normalmente, são confundidas com quiumbas e perturbadores”.

Em outro livro, Almeida (2003) considera que Exu e Pombagira são nossos amigos em evolução, espíritos que, quando viveram na Terra, pertenceram a diversos povos e diferentes camadas sociais. O autor acredita que, por isso, não podem ser considerados exemplos de mau caráter ou de vulgaridade; também não devem ser confundidos com os espíritos perturbadores, os infelizes quiumbas, que se encontram mergulhados na mais profunda negatividade. Almeida afirma que Exus e Pombagiras são nossos amigos, que dão-nos alento e proteção quando necessitamos de apoio espiritual e mesmo material.

Almeida destaca ainda, três aspectos do culto que considera tabus injustificáveis em relação a essas Entidades. O primeiro é proibir que Exus e Pombagiras incorporados vejam o congá, que corresponde ao altar da Igreja Católica. Por isso, muitos terreiros têm uma cortina colocada na frente do congá. Quando vai haver incorporação⁹ dessas Entidades, ela é fechada como forma de não desrespeitar os Santos católicos.

O autor explica que essa prática vem do tempo em que havia a concepção errada de que Exu era o demônio e só queria fazer mal e que os médiuns que trabalhavam com os Exus eram considerados perigosos. Almeida critica os centros que ainda hoje não trabalham nos seus cultos com Exus e Pombagiras, pois acreditam que essa Entidades é uma força negativa e que só se aprazem no mal.

O segundo tabu apontado, é o referente a chamada “hora grande”, entre 23 horas e 1 hora da manhã, com o ápice à meia-noite. Conforme esse costume, somente nesse período essas Entidades poderiam incorporar. Caso um Caboclo ou Preto Velho estivesse incorporado à meia-noite, ele deveria desincorporar do médium permitindo a incorporação do Exu. O autor explica que não concorda, porque essas Entidades estão permanentemente guardando seus médiuns e se for preciso, a qualquer hora e em qualquer lugar, eles viram proteger seus médiuns.

O terceiro tabu indicado por Almeida é o que determinava que após a desincorporação do Exu, deveria haver um retorno da incorporação de um Caboclo ou Preto Velho. Ele acredita que isto é desnecessário porque quando um Exu atua em um médium, o faz sob o comando deles.

Como citei anteriormente, Almeida nos seus programas de rádio declamava poesias voltadas às questões espirituais que repetia nos seus livros. Como esse dedicado ao Exu Veludo, seu Mentor Espiritual, e a todos os Exus:

Meu amigo, meu enigma, minha curiosidade!
(...) Desvendadas as misteriosas cortinas do mundo; és atuante em todas as situações. Tiras de mim a inércia, o desânimo e fazes com que eu veja o mundo, aqui deste lado da Terra, bem melhor.
Na presença de tua vibração, escuto as melodias tangerem até mesmo as cordas do meu coração; dás-me a energia para a luta e envolves-me em tua capa contra os perigosos inimigos. Com teu sabre, agilmente corta os empecilhos; com tua sabedoria, ceifas minha ingenuidade.
Saravá Exu Veludo! (Almeida, 2003)

⁹ **Incorporação:** também conhecido como psicofonia, é o termo que descreve o ato pelo qual um médium permite, consciente ou inconscientemente, que um espírito se manifeste através de seu corpo.

Concluindo sua visão sobre os Exus, Almeida assegura que essas Entidades buscam elevação espiritual e nos ajudam, desmanchando e afastando os trabalhos realizados pelos quiumbas. Para Ele, “o tabu contra Exus e Pombagiras revela ignorância espiritual”.

Como observamos Paulo Almeida da mesma forma que fez W.W. Matta e Silva procura desconstruir a ideia de Exu voltado para o mal. Ele foi dos primeiros escritores-sacerdotes, já no início da década de 1970 que se propuseram legitimar o que Ele considera a verdadeira face dos Exus. Mesmo contrariando representações consolidadas na consciência dos umbandistas pela ação de escritores iniciais como assinalado no início deste capítulo.

Finalizando este capítulo podemos inferir que Exu desde que chegou ao Brasil e sofreu a ação do sincretismo, tornou-se um assunto polêmico, controverso.

Ao longo dos séculos foi passando por transformações nas religiões de matriz africana que foram se estabelecendo, no Brasil, com a chegada dos africanos. Na Umbanda não foi diferente.

Esses autores pioneiros que após o primeiro Congresso, se propuseram a sistematizar a Umbanda, buscando mesmo a possibilidade de uma codificação, lançando uma profusão de livros. Quase todos Eles afirmando ser o dono da verdade. Terem o conhecimento pleno de quem era Exu.

Todavia, essas “verdades” desses escritores da fase pós-congresso, não se consolidaram e ao longo do tempo foram desconstruídas. E para que isso ocorresse as pesquisas de W. W. Matta e Silva foram fundamentais tanto que é considerado até hoje o fundador da Escola Esotérica continuada por um dos seus discípulos, Rivas Neto, que aprofundou os estudos dessa corrente com o lançamento de vários livros entre eles Exu, o grande arcano, uma importante obra que analisaremos no capítulo seguinte.

Tanto Paulo Almeida como Matta e Silva, na sua época, tiveram a importância de antecipar conceitos sobre Exu que hoje estão se consolidando cada vez mais.

CAPÍTULO III

A TRAJETÓRIA DE EXU NA LITERATURA UMBANDISTA: OS SACERDOTES ESCRITORES UMBANDISTAS DA ATUALIDADE

A proposta deste capítulo é investigar Exu na literatura umbandista da atualidade e analisar como vem ocorrendo a ressignificação desta entidade que cada vez mais se afasta da visão diabólica cunhada ao longo da história, dado o fato de que estão sendo lançados muitos livros com esta temática e estes têm uma importância crucial para que esta mudança de paradigma venha ocorrendo. A investigação se baseará na obra dos sacerdotes escritores Francisco Rivas Neto, Rubens Saraceni, Norberto Peixoto, Alexandre Cumino e Diamantino Trindade.

O critério utilizado para a seleção desses autores foi o grande número de livros escritos por eles sobre a Umbanda, incluindo estudos sobre Exu. Podemos observar que as publicações de alguns desses autores tentam desenvolver um novo conceito que coloca Exu no panteão de Orixás da Umbanda tendo como referência o Orixá Exu dos iorubás. É um movimento ainda embrionário, que tem Rubens Saraceni e Norberto Peixoto, em suas obras, como importantes defensores. Analisaremos nesta seção alguns intelectuais sacerdotes umbandistas que exibem uma grande produção editorial, destacando suas visões sobre Exu.

3.1- Francisco Rivas Neto

Um importante escritor umbandista foi Francisco Rivas Neto, que também foi sacerdote e médico. O seu livro “*Exu: O Grande Arcano lançado*” em 1993 foi um marco nos estudos sobre Exu. Ele afirma que este livro é uma obra mediúnica. Contudo, não cita o nome da Entidade que o inspirou. Quando se refere a esta Entidade ele escreve Exu e em seguida reticências (Exu...).

Ele esboça uma complexa genealogia sobre Exu.

Segundo Rivas Neto (1993: pág), “*Nas noites das noites quando tudo era escuro, quando tudo era betume, eis que, do reino do Nada, vai surgir o Senhor da Encruzilhada*”. Aprofundando sua visão sobre a genealogia de Exu, Rivas Neto afirma que ao surgir o Exu Cósmico ou Senhor da Energia, Ele vai obedecer diretamente a Sete Orixás. Rivas Neto considera que ao surgir o Orixá Exu, já existiam os Orixás que ele chama de Orixás Virginais.

Ele também se refere aos Orixás Ancestrais, hierarquicamente inferiores aos Orixás Virginais, afirmando que eles dão formação, através de seus Guardiões que nunca encarnaram, à Coroa de Defesa do Planeta, que é constituída por 7 Guardiões: Sr. Alaxiró, Sr. Nugô, Sr. Issoxô, Sr. Ognax, Sr. Amiroy, Sr. Iroy, e Sra. Aynamey. Suas vibrações são expressas através da Coroa da Encruzilhada e que é formada pelos 7 Exus Cabeças de Legião: Exu Sr. 7 Encruzilhadas, Exu Sr. Tranca Ruas, Exu Sr. Marabô, Exu Sr. Gira Mundo, Exu Sr. Pinga Fogo, Exu Sr. Tiriri e Exu Sra. Pomba-Gira, que foram arrebanhados de outros locus siderais.

Conforme o autor, os Orixás Ancestrais são em número de sete e são os senhores de todo o sistema planetário (planetas). No nosso planeta, Exu estruturou condições, participou da gênese planetária, de forma concreta, não de forma abstrata ou intelectual, pois isso é dos Arquitetos Siderais (Orixás). Os Exus que formam a Coroa da Encruzilhada, citada acima, os Guardiões do Planeta, se responsabilizaram por ser o porta-voz dos Orixás. Por isso na nação africana é chamado de ENUGBARIJÓ, ou seja, a Boca Coletiva, pois fala em nome dos Orixás. (1993: 43-45)

Rivas Neto (1993) começa a expor sua visão sobre os atributos do Exu na Umbanda.

O conceito que se tem de Exu, que o mesmo é o agente do mal. Se existe um agente do bem e da luz, Exu é o agente do mal e da treva. Esse agente do mal e da treva é eternamente opositor da Lei, segundo o que dizem. Opositor constante, inflexível e eterno. **Eu digo o contrário, pois Exu não faz o bem e nem o mal. Exu está acima dos conceitos do bem e do mal, justamente por serem esses conceitos relativos aos terráqueos.** (1993: 48) (grifos do autor)

Prosseguindo sua interpretação, Rivas Neto (1993) assegura que Exu atua em todos os setores: da natureza, da vida humana, dos elementares, logicamente com a permissão dos Orixás. Os sítios da natureza são coordenados por Exu, pois eles são os Senhores dos entrecruzamentos de forças. Para o autor, os Exus são os Executores da Lei. O Executor da Justiça Kármica. Exu não é bom nem mau. Ele cumpre uma função de regulador. Todo emocional, todos os instintos, todas as paixões são manipuladas por Exu. Essas são suas demandas. Neutraliza aqueles que se afinizam com os planos mais baixos.

Em seguida, o autor continuando na sua ideia de desconstruir a imagem negativa existente sobre Exu analisa um ponto cantado sobre Exu que indicaria uma suposta “dupla personalidade de Exu”. O ponto cantado diz:

Exu que tem duas cabeças
Ele faz sua gira com fé
Uma é Belzebu do inferno
A outra é de Jesus Nazaré.

O autor questiona: “como Exu pode ser dúbio? Se no terreiro o Caboclo trabalha para fazer a caridade, como ele permitiria que depois o Exu chegasse e fizesse o mal? Ou seja, Exu é bom num momento e mau logo depois? Nesse sentido, O Caboclo faria o bem e depois quando fosse embora, deixaria o Exu para fazer o mal.” (NETO, 1993, p.52) Além disso, o autor afirma que o bom senso e a razão o fazem refutar este pensamento pois, não existe consciência dúbio no astral superior. “*Quem é bom é porque já atingiu esse patamar*”.

Para Rivas Neto, Exu de duas cabeças significa que ele é reverente, obediente aos planos de Luz, mas devido as funções, age nas sombras ou mesmo nas trevas. Essa sua ação está vinculada a tarefa de elevar verticalmente as almas decaídas, e que se encontram temporariamente nas sombras. É portanto, o Guardião da Luz para as Sombras e desta para as trevas (1993:67). Rivas Neto aprofunda e especifica os atributos de Exu:

Após estes aspectos, que esperamos possam ser profundamente analisados, penetremos no conceito de Exu, e veremos de forma transparente que Exu não tem dupla personalidade, não é maniqueísta, não é o agente do mal, o agente satanizado e até saturnizado, ao contrário, fiscaliza, frena e, às vezes, combate e julga esses espíritos, temporariamente envolvidos nas trevas do egoísmo, vaidade e orgulho, que os faz permanecer em oposição ostensiva às hostes da Luz e do Bem, mas como afirmamos, não infinitamente. O Exu frena e combate os seres espirituais revoltados e insubmissos, visando equilibrá-los perante a Lei Kármica. (NETO, 1993, p. 58- 59)

O autor explica que Exu de Lei é redundância, é pleonasma, pois não há Exu que não obedeça e execute a Lei. Popularmente fala-se em Exu batizado e Exu pagão. O Exu pagão seria para as grandes massas populares o Exu negativo, que só pratica o mal. No entanto, os que praticam o mal são denominados pelos umbandistas de kiumbas, não “exus”. Exu é o responsável pela execução da lei. Não é Exu quem as faz. Ele cumpre-as.

Concluindo a análise do autor, este afirma que após esses ensinamentos, os conceitos sobre Exu não serão mais os mesmos nos meios umbandistas e cultos afins. O conceito de Exu deixará de ser ligado a figura do diabo ou a outra aberração qualquer que quando baixa ou seja, incorpora no médium, é para fazer o mal, usando um palavreado que não condiz com os mais simples princípios da caridade. Exu é, foi e sempre será o Agente da Magia Universal, o Executor da Justiça Kármica. (1993:53-54)

3.2- Rubens Saraceni

Outro pesquisador umbandista com dezenas de livros publicados, Rubens Saraceni, faz uma complexa análise sobre a genealogia de Exu. Conforme Saraceni (2013) o objetivo desta interpretação é procurar despertar uma compreensão sobre o que Ele considera um dos mais

controvertidos e incompreendidos Orixás. Ele explica que Exu não foi fundamentado, mas, sim, adaptado a partir do seu culto de origem nigeriana. (2013:11)

O autor faz uma intrincada explanação sobre o surgimento dos Orixás Oxalá e Exu fundamentada nas lendas da criação ou mitos iorubanos que chegaram ao Brasil na diáspora africana e que se mantiveram a partir da tradição oral e que principalmente a partir do século XIX começaram a ser catalogados por pesquisadores brancos a partir de pesquisas de campo em terreiros, tendo como pioneiro Nina Rodrigues que fez sua etnografia em terreiros de Candomblé na Bahia, no final do século XIX.

Saraceni inicia explicando que Olorum é o princípio criador-gerador, e que a grandeza de Olorum transcende a nossa capacidade de pensá-lo e que não temos condição de achar que Ele é um ser semelhante a nós (2013: 18). O autor então afirma que no início só havia o estado mental original: Deus-Olorum, que encerrava tudo em si mesmo e que, fora desse estado, “nada” existia por si mesmo. Logo, o “tudo” estava no interior de Deus/Olorum, e nada estava fora dele (2013:23).

Então Olorum alterou o “estado do nada” e criou o estado de vazio absoluto, sua primeira manifestação exterior. Esse estado ao ser gerado gerou uma divindade, um Orixá responsável por mantê-lo. Esse estado de vazio absoluto vai receber dentro de si todos os estados posteriores da criação (2013: 20-21).

Prosseguindo sua explicação, Saraceni aponta que Olorum pensou na criação do segundo estado e então, surgiu dentro do vazio absoluto o “espaço” que se expandiu ao infinito. Assim, do “nada”, ou após ele, estavam o estado do vazio absoluto e o estado do espaço infinito. Como cada estado criado gerou uma divindade para regê-lo, no estado de vazio absoluto esta divindade recebeu, entre os nagôs ou nigerianos atuais o nome de Orixá Exu. Já no estado do espaço infinito foi também gerada uma divindade: o Orixá Oxalá (2013: 24-30).

O autor analisando a questão da primogenitura entre os Orixás assinala que “*por ser Exu o guardião do vazio absoluto, e este ter sido o primeiro estado da criação manifestado por Deus, então Exu é, de fato, o primeiro Orixá manifestado por Ele*”. Nesse sentido, Exu é o primeiro Orixá, o mais velho de todos, o primeiro a ser cultuado. (2013: 33)

Concluindo esta análise sobre a mitologia iorubá, Saraceni afirma que as lendas dos Orixás fornecem indícios muito preciosos sobre eles, seus estados e suas funções na criação de Olorum. Para o autor, a interpretação correta desses ensinamentos contida nessas lendas, é que diz que a casa de Oxalá é o espaço e que o lado de fora dela está voltado para o vazio, que é o estado do Mistério Exu (2013: 36).

Observamos que Saraceni faz todas estas reflexões, estas análises a partir de uma interpretação sua, da extensa mitologia iorubá. Analisaremos a seguir a visão de Saraceni do Exu na Umbanda.

Ele começa assegurando que no início a Umbanda devido a sua influência cristã, teve dificuldade em lidar com o temido e já conhecido Exu da tradição oral nagô que o descrevia como perigoso e de difícil controle porque ele escapava à regra de procedimento dos outros Orixás (2013:65). Saraceni explica que os primeiros umbandistas, na falta de uma literatura sobre os Orixás em geral, e sobre Exu em especial, foram de uma coragem única ao aceitar a incorporação de Espíritos que se apresentavam como Exus, porque eles diferiam dos Guias Espirituais.

Segundo Saraceni, no Mistério Exu a inovação foi o surgimento de linhagens de Exus de trabalhos espirituais muito bem definidas e organizadas, porque em lugares distantes e sem que seus médiuns se conhecessem ou soubessem algo sobre eles, Exus com um mesmo nome e com “aparências fluídicas” iguais incorporavam neles e diziam ser seus Exus de trabalho (2013:68). Foi um ato de coragem religiosa desses primeiros umbandistas, que pagaram um preço altíssimo ao afirmar que também aceitavam a presença e a participação de Exu na Umbanda (2013: 66).

Observamos nesta narrativa a visão do escritor sobre a chegada de Exu na Umbanda. A seguir o autor descreve os preconceitos que esta Entidade sofreu também por parte de vários espíritas kardecistas que consideravam a Umbanda como “baixo espiritismo”, praticamente sem nenhuma evolução, ainda mais com a presença de Exu (2013:66).

Sobre Exu na Umbanda, Saraceni procura estabelecer conceitos bem diferenciados dos primeiros intelectuais umbandistas desmistificando velhas questões que foram sendo consolidadas ao longo do tempo. Ele, tal qual Rivas Neto, se propõe a explicar a afirmação de que Exu tem duas cabeças, também objetivando desconstruir qualquer conotação maléfica:

Essa afirmação conceitual é uma das mais controvertidas e religiosamente inaceitáveis para a maioria das pessoas, inclusive para os umbandistas. As “duas cabeças” de Exu já deram muito o que falar e tanto já geraram muitas hipóteses quanto polêmicas discussões... que não levaram a nada além de desinformar mais ainda sobre ele. As duas cabeças de Exu não se referem a cabeças realmente, e sim as suas duas polaridades magnéticas antagônicas, mas tão interligadas que uma não existe sem a outra. (...) as duas cabeças de Exu são sua dupla polaridade magnética. (...) Enfim, são muitas as afirmações conceituais sobre Exu, a maioria delas trazida até nós por meio dos seus pontos cantados e outras pelas lendas nagôs, que foram preservadas pela transmissão oral. (SARACENI, 2013, p. 79-81)

3.3- Diamantino Trindade

Diamantino Fernandes Trindade é considerado o maior historiador da Umbanda. É autor de cerca de 30 livros sobre Umbanda, incluindo a coleção História da Umbanda no Brasil que já está no décimo volume. Além de escritor, Trindade é sacerdote umbandista, foi professor de várias universidades, professor de Química no Instituto Federal de Educação de São Paulo, doutor e pós-doutor em Educação, com livros escritos nessa área do conhecimento.

Entre seus livros, vamos destacar: *Você sabe o que é Macumba? Você sabe o que é Exu?* E analisar a sua visão sobre Exu.

Trindade (2013) considera Exu o assunto mais polêmico tanto na Umbanda como no Candomblé e que existem opiniões diferentes nas várias correntes de pensamento umbandistas. Ele afirma que Exu não é algo simples de explicar. Segundo o autor, desde o momento que o Candomblé se constituiu num nicho de resistência cultural contra a escravidão, a magia de Exu passou a ser usada como força protetora diante das relações sociais baseadas na escravidão.

Trindade acredita que, talvez por isso, os brancos identificaram Exu com o conceito católico do diabo, fazendo uma nova interpretação da concepção ocidental de feitiçaria. Se ocorreu a assimilação do conceito de diabo pela cultura negra, esta por sua vez foi reinterpretada pelas noções africanas, criando um conceito do diabo como entidade mágica e ambígua e cita Bastide (1961): *“por causa da escravidão, Exu foi usado pelos negros em sua luta contra os brancos, enquanto patrono das feitiçarias. E dessa forma seu caráter sinistro se acentuou em detrimento do de mensageiro”*. (apud Trindade 2013:111)

Em seguida, o escritor analisa o processo empreendido pela Igreja Católica de demonização dos símbolos religiosos dos indígenas brasileiros e dos escravizados africanos. Ele destaca que os jesuítas no Brasil, converteram o Messias, Yupari dos indígenas, no Diabo. Segundo ele, a Igreja Católica fala constantemente no inferno e esconjura as religiões mediúnicas como obras maléficas do Satanás (2013:115).

Assim, os jesuítas consideravam Yupari como sendo o Diabo. No entanto, na teogonia indígena, é o filho da Virgem Chiúcy, a Mãe do Pranto que chora o suplício do filho. Yupari significa o crucificado, o torturado. Esses mesmos jesuítas, que incentivavam o sincretismo dos Santos Católicos com os Orixás, procediam da mesma forma afirmando que Exu era o Diabo. Os brancos não podendo compreender uma religião tão diferente da sua, julgavam-na demoníaca, já que não era cristã. Como os negros sabiam que o Santo não era o Orixá, sabiam também que Exu não era o Diabo (2013:115).

Entretanto, conforme explica o autor, Exu também pode ser sincretizado com Santo Antônio, porque induz a tentação, incita maus pensamentos e perturba as cerimônias. Isso porque Santo Antônio teria sido perturbado por demônios (2013:117).

Trindade descreve uma entrevista de Zélio de Moraes, médium do Caboclo das Sete Encruzilhadas concedida a Lília Ribeiro, jornalista e sacerdote umbandista, em que o entrevistado fala de Exu.

LR: Considera o Exu um espírito trabalhador como os outros?

ZM: O trabalho com os Exus requer muito cuidado. É fácil ao mau médium dar manifestação como Exu e ser na realidade, um espírito atrasado, como acontece, também, na incorporação de Criança. Considero o Exu um espírito que foi despertado das trevas e, progredindo na escala evolutiva, trabalha em benefício dos necessitados. O Caboclo das Sete Encruzilhadas ensinava que Exu é, como na polícia, o soldado. O chefe de polícia não prende o malfeitor; o delegado também não prende. Quem prende é o soldado, que executa as ordens dos chefes. E o Exu é um espírito que se prontifica a fazer o bem, porque cada passo que dá em benefício de alguém é mais uma luz que adquire. Atrair o espírito atrasado que estiver obsedando e afastá-lo é um dos seus trabalhos. E é assim que vai evoluindo. Torna-se, portanto, um auxiliar do Orixá. (2013:123)

Pode-se observar nesta entrevista de novembro de 1970, publicada no Boletim Informativo da Tenda de Umbanda Luz, Esperança e Fraternidade (TULEF), que Zélio de Moraes identifica Exu quase com os mesmos valores nos quais esta Entidade é vista hoje: um espírito trabalhador do bem, em evolução.

Trindade também procura desmistificar a Entidade feminina Pombagira que em determinado momento ele chama de Exu Pombagira. Ele explica que esta Entidade tem uma função muito importante na higienização sensual do Planeta. O autor desconstrói uma informação comum que diz que: “*Pombagira é mulher de sete Exus*”. Segundo o escritor, o correto é: “*Dos sete Exus, a Senhora Pombagira é a única mulher*” (2013:131).

Segundo algumas das principais correntes da teologia umbandista da atualidade, existem sete linhas espirituais comandadas por sete Orixás: Oxalá, Ogum, Oxóssi, Xangô, Yorimá (Omulu/Obaluaê), Yori (Ibeijada/ Crianças), Yemanjá. E a cada linha dessas, corresponde um Exu como chefe de legião: Linha de Oxalá, chefe da legião Exu Sete Encruzilhadas; Linha de Ogum, Exu Tranca-Ruas; Linha de Oxóssi, Exu Marabô; Linha de Xangô, Exu Gira- Mundo; Linha de Yorimá, Exu Pinga Fogo; Linha de Yori, Exu Tiriri e Linha de Yemanjá, Exu Pomba Gira.

Como observamos na Linha de Yemanjá, o Exu correspondente é a Senhora Pombagira, daí ter surgido esta versão que Pombagira é mulher de sete Exus.

Concluindo esta análise, Trindade ratifica sua visão de Exu, identificando suas atribuições de acordo com a *nova teologia umbandista*. Para ele, no terreiro de Umbanda bem dirigido moralmente, os Exus de Lei executam as ordens dos Caboclos, Pretos Velhos e Crianças; aplicam a Lei que para muitos pode ser interpretada como um mal, dependendo da sua condição kármica. Exu está acima do bem e do mal. Não é bom nem mau, é justo. Exu é o Senhor da Magia, o Saneador Planetário (2013:133).

Quando o autor faz referência que a aplicação da Lei pelos Exus pode ser interpretada como um mal, podemos exemplificar baseado na lei kármica que uma pessoa em outra vida foi um mau patrão que maltratava seus empregados, os explorava, e na vida atual Exu não vai facilitar para que esta pessoa tenha bons empregos. Vai executar a Lei kármica. Por isso, se diz que Exu é justo.

3.4- Alexandre Cumino

Alexandre Cumino além de sacerdote umbandista é Cientista da Religião, diretor de Federação Umbandista em São Paulo, tem canal de Youtube e programa radiofônico sobre umbanda, ministra aulas presenciais e EAD sobre a religião e é autor de aproximadamente 11 livros sobre Umbanda inclusive “*História da Umbanda: uma religião brasileira*”.

Entre os livros de sua autoria, vou analisar “*Exu não é Diabo*” publicado em 2018, em que ele tenta desconstruir a visão diabólica, pretendendo legitimar os atributos de Exu.

Já na apresentação do livro feita pelo editor da Madras, que produziu o livro, este já indica o caminho que o autor do livro seguirá. O apresentador afirma que Exu é o princípio da reciprocidade. Quando agradecido, torna-se um grande amigo e fiel escudeiro, um Guardião. Exu também é, assim como Ganesha, a manifestação da sorte, da riqueza e da prosperidade. Exu em iorubá significa ESFERA, no sentido de infinito, que não tem começo nem fim (CUMINO, 2018, p. 16).

Começando sua explicação sobre a demonização de Exu, Cumino explica que os católicos ao demonizarem Exu, fizeram a mesma coisa que fizeram com outras divindades que consideravam pagãs com Zeus, Dionísio, Hermes, da cultura grega (CUMINO, 2018, p.103).

Certos atributos como chifre, rabos associados a tridentes ou capas, formaram a imagem do “*capeta cristão*”, prossegue o autor. Ele afirma que o diabo cristão é um resgate da visão maniqueísta de mundo no qual o bem e o mal dividem o universo igualmente, lembrando

que na Pérsia antiga havia Ormuz e Arimã respectivamente o Deus Bom e o Deus Mal, agora Deus e o Diabo passam a ser adversários na disputa pelos seres humanos (2018:103).

Em seguida, Cumino cita Pierre Verger identificando a importância dos seus estudos para qualquer pesquisador de religiões de matriz africana. Ele cita Verger que reuniu afirmações de vários padres e pesquisadores que passaram pela África, desde o século XVIII, mostrando o caráter preconceituoso e discriminador do outro, do diferente e aponta que essas pessoas ajudaram a demonização de Exu (2018:104).

Prosseguindo, Cumino cita quatro desses “*pseudo pesquisadores*”, entre os quais destacaremos o relato do abade Bouché, do século XIX:

Elegbara é o espírito do mal, O Belfegor dos Moabitas, o Príapo dos latinos (...) a estátua que o representa nada tem que não seja grotesco (...) É assim que os negros representam o espírito imundo. Não hesitam em dar-lhe as insígnias da mais nojenta impudicícia. Aliás, não lhe dão o nome de “Echou”, que quer dizer excremento, sujeira? (Verger, 1999:135 apud Cumino, 2018:105).

O autor entende que estas pessoas estavam diante de uma Divindade das mais importantes da cultura iorubá e não conseguiram ou não quiseram enxergar uma outra forma de ver o mundo, não conseguiram interpretar o mundo com valores diferentes do seu, se julgando superior ao outro. Ele lembra que no final do século XIX, o negro era considerado pelos europeus como biologicamente inferior (2018:106).

Cumino (2018), nesta seção, explica características do Exu na Umbanda e assinala que na África Exu é um Orixá amado e respeitado como todos os Orixás. Ele é irreverente, brincalhão e vigoroso. Suas qualidades não têm nada a ver com o mal, muito menos com o Diabo e, suas oferendas não são pactos e sim elementos de trabalho, axé e força.

Na Umbanda, prossegue o autor, Exu é um espírito guardião, protetor, uma sentinela, a “polícia” do astral. É um Guia Espiritual, como Caboclo e Preto Velho. Ele ainda procura fazer um esclarecimento assinalando que nos lugares onde “Exu” (Ele coloca Exu entre aspas) ameaça, cobra e agride e levam o nome de Umbanda, não são Umbanda nem é Exu. O autor afirma que a única maneira de mudar isso é com *estudo e conhecimento* (2018:115).

Cumino explica que os termos Exu de Lei e Exu Pagão foram criados para dizer que o Exu de Lei é o Exu que está de acordo com a Lei Maior e a Justiça Divina, esse é o Exu de Umbanda. O Exu Pagão é o Kiumba, o espírito sem luz (2018:115).

Concluindo, Cumino afirma que espera ter ajudado na compreensão do que Ele chama de Mistério Exu, que forma uma hierarquia muito forte de trabalhos espirituais no Astral, onde

muitas dessas hierarquias já estavam formadas antes da Umbanda, mas que por ela foram absorvidas sem deixar de prestarem o seu trabalho a outras religiões ou grupos espiritualistas.

3.5- Norberto Peixoto

Norberto Peixoto também é um escritor e sacerdote umbandista com mais de 20 livros umbandistas escritos. Tem um canal no Youtube com o objetivo principal de esclarecimentos sobre Umbanda. No centro que dirige no Rio Grande do Sul, sempre são proferidas palestras e algumas delas são apresentadas no canal de Youtube.

Fazendo uma análise das postagens no seu canal de Youtube, observei que aquelas que o conteúdo era sobre Exu têm milhares de visualizações demonstrando o interesse que existe sobre este assunto. Como exemplo, o vídeo intitulado: *Exu não é só Guardião*, que tem 80551 visualizações.

Iniciaremos a análise da obra de Norberto Peixoto descrevendo sua visão sobre a genealogia de Exu, no seu livro “*Exu: o poder organizador do caos*”, lançado em 2016.

Peixoto (2016) introduz a análise propondo uma reflexão a respeito da mitologia sobre Exu, explicando que como os mitos são metáforas, símbolos, precisam ser interpretados. Sobre a genealogia do Exu africano, Ele considera que na cosmogonia iorubana, Exu foi o primeiro Orixá a ser criado para ser ordenador de todo sistema cósmico (2013: 13).

Prosseguindo no seu relato, Peixoto afirma que após Exu ser criado, Oxalá é o primeiro Orixá a se manifestar e vai expressar-se como espaço infinito, que deixou de ser o nada, a vacuidade inerte. O autor acredita que Exu foi propiciatório à criação dos outros Orixás então, Ele é atributo divino primordial na criação universal que se manifestou em tempos remotos (2013:13).

Aparece aí uma controvérsia, pois algumas correntes entendem que Oxalá ou Obatalá foi o primeiro Orixá a ser criado. Peixoto reconhece esta controvérsia: “*A gênese mítica nagô, em alguns registros etnográficos – não unânimes-, relata que Oxalá já era criado, mas ‘habitava’ imanifesto ‘internamente’ em Deus*” (2016:13).

Norberto Peixoto analisa o Exu na Umbanda em outras publicações. No livro *Umbanda Pé no Chão* (2008) assegura que as Entidades que atuam como Exus são como Guardiões de nossos caminhos (nossas encruzilhadas cármicas).

A vibração dessa linha atua numa faixa de retificação evolutiva, fazendo com que muitas vezes sua atuação seja confundida com o mal, o que não condiz com a verdade. Se um Exu atua

numa faixa de correção, muitas vezes durante sua ação, alguém vai sofrer algum mal contudo, devido a lei do retorno que determina que a pessoa que cometeu algum mal, mesmo que em outra vida, poderá sofrer os efeitos do mesmo erro (2008:113). Esta lei também é conhecida no Kardecismo como Lei da ação e Reação.

Destacando outras atribuições de Exu, ele diz que essas Entidades atuam no lado sombra dos seres humanos e são os agentes de assepsia das zonas umbralinas. Em seus trabalhos, cortam demandas¹⁰, desfazem feitiçarias e magias negativas feitas por espíritos malignos. Auxiliam nas descargas, retirando os espíritos obsessores e encaminhando-os para entrepostos socorristas nas zonas de luz do astral, a fim de que possam cumprir suas etapas evolutivas em lugares de menos sofrimento.

Assim é Exu: por vezes, incompreendido, outras temido ou amado, mas sempre honesto, feliz e incansável combatente da maldade (2008:114).

Em 2018 Norberto Peixoto publicou outro livro sobre a mesma temática intitulado “*No Reino de Exu: A retificação do destino*”. O autor diz que é uma obra mediúnica na qual quatro Exus, através da psicografia, contaram suas histórias. O livro é em forma de perguntas e respostas. As Entidades, através da mediunidade de Peixoto, respondem as perguntas feitas.

Transcrevo trechos da mensagem ditada pelo *Exu Pedra Negra*. Ele inicia afirmando que:

O correto na ação de Exu quase nunca é o correto diante os julgamentos dos homens. O correto para vocês geralmente é o incorreto diante as Leis Cósmicas. Exu não é o juiz, mas é agente corregedor dele e implementa a correção nos espíritos faltosos. Se Exu é quem executa a ação correccional, é certo que o juiz que a sentenciou se baseou em correto inquérito, tendo todas as informações verdadeiras sobre o sentenciado, espírito imortal faltoso (2018:104).

Em outro trecho, perguntado se Exu precisa ser doutrinado, o Exu Pedra Negra respondeu que não existe Exu que precisa ser doutrinado. As legiões de Exu não são ajuntamentos de espíritos sem certeza do que estão fazendo. Exu que é Exu, que incorpora em um genuíno terreiro umbandista, é Exu de Lei, ou seja, passou por todo o preparo no mundo espiritual para assumir a missão de ser um enviado do Orixá Exu (2018:111).

¹⁰ A demanda espiritual é o resultado de uma irradiação de fluídos negativos que podem ser direcionados a uma pessoa ou grupo, vindo de indivíduos tomados por sentimentos negativos, bem como espíritos sedentos por vingança.

Perguntado quais destrezas e habilidades que um Exu de Lei deve dominar, o Exu Pedra Negra respondeu que você pode ser o melhor construtor de casas, o mais renomado arquiteto, mas se você não for o melhor construtor de suas emoções, não souber arquitetar com equilíbrio sua comunicação e falhar na engenharia de sua afetividade interpessoal, você não terá destreza de coisa alguma. Um Exu de Lei é um mestre de si mesmo, um pedreiro que com muito esforço construiu sua casa psíquica em rocha firme. Ainda não amamos como amou o Mestre dos mestres, mas já vencemos nossos demônios internos (2018:113).

No outro livro de Norberto Peixoto *Exu: o poder organizador do caos*, ele também fala de Exu na Umbanda.

Há de se ter bem claro que Exu não faz mal a ninguém, ao menos os Exus que são verdadeiros. Quanto aos espíritos embusteiros e mistificadores que estão por aí, encontram sintonia em mentes desavisadas por facilidades de todas as ordens. É muito fácil se fazer passar por Exu (PEIXOTO, 2016, p.54).

Concluindo sua visão de Exu, Peixoto considera esse assunto inesgotável e de infinitas possibilidades de interpretações. Para ele, com a diáspora africana, e nesse caso a nagô, no Brasil, o papel fundamental de ordenador de todo o sistema cósmico pertencente a Exu se transformou no imaginário popular, em uma figura satânica. É o único dos Orixás que não foi sincronizado com nenhum Santo católico, numa intencional demonização conduzida pela religião oficial dominante na época e não pelos africanos, ao contrário do senso comum que se estabeleceu.

3.6 - Exu no Romance Umbandista

Um gênero literário que desde o final do século XX e principalmente a partir do século XXI vem alcançando um grande desenvolvimento é o *romance umbandista*. Ao estilo dos livros kardecistas como *Nosso Lar*, *Há Dois Mil Anos Atrás* ambos psicografados por Francisco Cândido Xavier ou Chico Xavier ou *Violetas na Janela de Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho*, ditado pelo Espírito Patrícia, todos com milhares de exemplares vendidos.

Esses romances têm também a função de transmitir ensinamentos como os livros analisados aqui, só que de uma forma mais lúdica que facilitam o entendimento da maioria das pessoas. E podemos inserir esse gênero no escopo do que temos analisado nesse nosso estudo, ou seja, a importância da literatura para a consolidação da religião. Romances umbandistas também têm vendidos milhares de exemplares demonstrando que o umbandista tem ligação com as letras.

Entre esses romances podemos citar alguns que venderam milhares de exemplares como o “*Guardião da Meia Noite*” de Rubens Saraceni que foi muito ativo também nesse gênero. Outro livro muito vendido foi “*Tambores de Angola*”, que vendeu mais de 215 mil exemplares. Esses livros narram a ação dos espíritos que trabalham na Corrente Astral da Umbanda tanto no Plano Espiritual, como no nosso mundo.

Dentro do escopo deste trabalho que é estudar Exu na literatura umbandista, daremos alguns exemplos dos Exus como personagens de romances umbandistas. Iniciaremos essa análise com o livro *Tambores de Angola* psicografado pelo médium Robson Pinheiro dos Santos e ditado pelo Espírito Ângelo Inácio.

O Espírito/escritor comunicante, Ângelo Inácio, que estava fazendo uma espécie de estágio, pergunta ao outro Espírito anfitrião quem eram aqueles Espíritos que pareciam guardar a entrada do local, que pareciam soldados de um exército de desencarnados. O Espírito anfitrião respondeu que eram os Guardiães responsáveis pela disciplina e pela ordem no ambiente. Em muitas tendas ou terreiros são conhecidos como Exus. Eles se encontram em tarefa de auxílio. Conhecem profundamente certas regiões do submundo astral e são temidos pela sua rigidez e disciplina. Formam por assim dizer a nossa força de defesa, pois não ignora que lidamos, em um número imenso de vezes, com entidades perversas, verdadeiros marginais do mundo astral que só conhecem a força das vibrações elementares, de um magnetismo vigoroso, e personalidades fortes que se impõem. Essa a atividade dos Guardiães (2000: 70).

Prosseguindo o diálogo, O Espírito Ângelo Inácio pergunta, então, esses são os chamados Exus? Mas quando se fala neles, as pessoas os julgam seres infernais ou assassinos, e até mesmo certos umbandistas passam essa ideia a respeito deles. O Espírito anfitrião responde que existe muita informação e falta de estudo, principalmente nos meios que se dizem umbandistas. Na verdade, prolifera um número acentuado de manifestações religiosas de cunho mediúnico que utilizam o nome de Umbanda para se caracterizarem perante a sociedade dos homens, mas a verdadeira Umbanda é uma religião que é destituída de misticismo em seus fundamentos, o que mais tarde poderemos esclarecer você. Muitos do próprio culto confundem os Exus com outra classe de Espíritos, que se manifestam à revelia em terreiros descompromissados com o bem. Concluiu o espírito anfitrião (2000:71).

Em outro romance denominado: *O Anfitrião do Campo Santo* (2014), recebido pela psicografia do médium André Cozta e ditado pelo Espírito Senhor Exu Caveira, são narrados os trabalhos executados pelos Exus e Pombas Giras no Plano Espiritual, mostrando que a ação dessas Entidades é bem diversa do que muitos acreditam no Plano Material.

A personagem principal, Senhor Exu Caveira estava na sua área de ação, o campo-santo ou cemitério quando foi interrompido em seus pensamentos por uma mulher que se dirigiu a ele e perguntou: “*pensativo, Senhor Exu Caveira?*”. Este respondeu “*Senhora Maria Molambo do Cruzeiro, que bom vê-la novamente*”. A Senhora Maria Molambo disse que o procurou, pois precisava de ajuda. O Senhor Exu Caveira perguntou em que podia ajudar. Ela explicou que é a responsável pela guarda à esquerda de uma tenda, ou seja, ela que comanda o trabalho de todos os Exus e Pombagiras desse terreiro. Continuando, a senhora Maria Molambo disse que sua tutelada e protegida está sofrendo ataques espirituais. A Senhora Maria Molambo explicou que a sua protegida errou quando se envolveu amorosamente com um médium da casa e esse médium está cobrando dela a separação. Esta situação está prejudicando energeticamente a casa porque o amante está conectado a Espíritos negativos. Ela falou que todos os Guias do terreiro estão trabalhando ativamente, mas precisam de reforço. Por isso, ela pediu a ajuda do Senhor Exu Caveira muito experiente nessa área de atuação que prontamente se dispôs a ajudar. Despediram-se marcando outro encontro na tenda (2014:111)

Novamente sozinho, O Senhor Exu Caveira recebe uma irradiação de Pai Omulu que lhe transmitiu mentalmente a orientação para o trabalho a ser realizado: “*novamente, meu filho, você está, como Guardião cósmico, tendo como desafio mostrar àqueles que procuram realizar suas missões assumidas antes do reencarne que o trabalho espiritual e magístico está em suas vidas para, primeiramente, corrigir as suas próprias imperfeições e, em seguida, para o auxílio aos seus semelhantes e à Evolução da Criação. Mas nunca para ser usado em nome da vaidade ou do orgulho. Tenha isso muito forte em sua mente, meu filho, pois, neste trabalho específico, terá de ser muito severo e implacável com alguns filhos de meu Pai*” (2014:112-113).

Observamos neste pequeno trecho do livro a ação planejada, organizada, dos Exus e Pombagiras para um trabalho espiritual que se afigura difícil e delicado, muito distante de representações estereotipadas que se observa em vários lugares. Nota-se também que o Senhor Exu Caveira será severo e implacável, mostrando o que já foi discutido anteriormente que os Exus são os Executores da Lei.

3.7- Conclusão do capítulo

Observamos que Saraceni, tanto como Rivas Neto, tentaram criar uma *cosmogonia e uma teogonia* para Umbanda. Quem sabe talvez uma *nova teologia*. Eram vistos, no meio umbandista, como fundadores de escolas de pensamento umbandista. Rivas Neto é tido como

o principal divulgador da Umbanda Esotérica, que teria sido fundada por W.W. Matta e Silva, do qual Rivas Neto foi discípulo. Rivas Neto foi o fundador da Faculdade de Teologia Umbandista, reconhecida pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC), que funcionou durante alguns anos. Já Saraceni é reconhecido como fundador da Umbanda Sagrada. Saraceni (2013) demonstra esse objetivo de criar uma teogonia e uma cosmogonia umbandista quando afirma:

Aqui nos serviremos de uma base pensada para a religião umbandista a fim de que seus seguidores possam se servir dela para a partir daí, desenvolver toda uma cosmogonia e uma teogonia ímpar e ajustada ao tempo em que vivemos, solidificando ainda mais a crença em Olorum e nos sagrados Orixás (2013: 17).

Mais recentemente, a partir do final do século XX, outros sacerdotes-escritores umbandistas, com dezenas de livros escritos, têm formulado conceitos que acredito tenha o objetivo de dar um fundamento para a construção de uma base teórica mais moderna para o estudo de Exu na Umbanda e assim contribuir para a desconstrução da visão ainda muito presente de Exu como demônio.

E podemos incluir os romances nesse processo de construção para uma nova teologia umbandista, pois trazem muitos ensinamentos teóricos e práticos, como os exemplos citados acima, que narram as ações dos Exus, e por isso são muito bem recebidos entre os adeptos e simpatizantes umbandistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Está surgindo uma nova geração de sacerdotes escritores e com isso, aos poucos, vai sendo formada uma doutrina mais homogênea que quem sabe não levará à concretização do sonho dos pioneiros intelectuais umbandistas desde o Primeiro Congresso de Umbanda de 1941, ou seja, a codificação.

Há décadas que Entidades atuantes no movimento umbandista bem como intelectuais umbandistas afirmam que a Umbanda está na fase da conscientização das mentes dos militantes, consolidando as bases doutrinárias de uma religião renovada embora eu, pessoalmente, não acredito numa codificação, numa prática única em todos os terreiros.

Entretanto, determinados valores são aceitos na maioria dos centros e não são objetos de discussão: a caridade como valor intrínseco; não cobrar pela assistência espiritual prestada; já se observa uma preocupação com o meio ambiente e a afirmação da Umbanda com uma religião que tem como modelo a ser seguido o Evangelho de Jesus Cristo. Atualmente é muito comum vermos centros umbandistas estudando o livro O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Alan Kardec, além de portais de internet de vários terreiros que ao lado da divulgação umbandista, procuram difundir estes ensinamentos.

Não se observa no meio umbandista grandes preocupações em mexer no sincretismo quando se trata de Jesus e Oxalá serem o mesmo Ser e faço essa afirmação, pois para confecção desta dissertação, visitei vários centros umbandistas, antes da pandemia, privilegiando as sessões de Exu e Pombagira. Podemos exemplificar este comportamento citando um ponto cantado ouvido em dois centros:

Viajei num lindo sonho
E nesse sonho, eu encontrei.
Respostas pra tantas perguntas, que sempre busquei.
Vi Anjos de tanta luz,
vi meus Orixás com suas falanges.
E num clarão, eu percebi aparece:
Um lindo Ser, preso na cruz.
É meu Pai Oxalá, Jesus de Nazaré,
Ele morreu por nós
Então, eu tive certeza, esse sonho tão lindo mostrou:
Que não estamos sós.

Assim, com esse processo de mudanças que vem ocorrendo no interior da Umbanda, Exu mais de qualquer outra Entidade do seu panteão, vem sendo ressignificado, e acredito que seja a única Entidade nessa condição, assumindo um novo perfil mais de acordo com uma religião que se intitula cristã.

Nesse sentido, a representação de Exu na Umbanda cada vez mais se consolida a partir da importância do trabalho de sacerdotes-escritores, pesquisadores acadêmicos e da divulgação de Youtubers. Ressaltando que as ideias defendidas por esses Youtubers em relação a esta Entidade já eram defendidas por escritores umbandistas desde a década de 1960 como vimos no capítulo 2 e atualmente por sacerdotes-escritores como vimos no capítulo 3.

Assim, Exu que ao chegar ao Brasil teve intensificada a sua transformação em Diabo num processo iniciado ainda no continente africano, como demonstrado nos livros de Pierre Verger que exemplificou este fato, citando trechos de livros publicados por missionários e viajantes europeus. Só agora, séculos depois, pela ação desses intelectuais umbandistas, Exu vem adquirindo uma nova representação na doutrina umbandista: nem Anjo, nem Diabo, mas Agente da Justiça Kármica, ou seja, Ele não estabelece o Karma, ele o executa por ordens da Espiritualidade Superior como explica a nova teologia umbandista que está se estabelecendo, conforme acredito.

Nesse sentido, nesta literatura mais recente, Ele é um policial do plano astral controlando as ações dos espíritos negativos chamados na Umbanda de quiumbas; outro atributo do Exu na Umbanda é desfazer trabalhos de magia negra no plano astral, fazer a proteção dos seus médiuns, fazer a guarda dos terreiros e também participar de trabalhos de cura como diz esse ponto cantado do Exu Tranca Ruas.

As curas do Seu Tranca Ruas
São de uma beleza rara
O seu trabalho começa onde a medicina para
É um caso confirmado que ninguém
Mas ignora, com o Seu Tranca Ruas,
O câncer virou catapora.

Assim, aquele Exu *trickster*¹¹, vingativo da mitologia iorubá está cada vez mais distante. Não que ele tenha se tornado um santo, contudo, como explicam os intelectuais umbandistas dessa nova teologia, são espíritos comprometidos com sua própria evolução e com a evolução da humanidade e mesmo que para isso tenham muitas vezes que tomar atitudes duras, que possam parecer más. Mas que se destinam a educar os recalcitrantes aos ditames das Leis Divinas mesmo que com isso possam sofrer julgamentos negativos ou serem caluniados. Um Exu, numa mensagem intitulada: De Olhos Vendados, psicografada pelo médium Wilson T. Rivas, afirma que:

¹¹ *trickster* (trapaceiro, pregador de peças) é, na mitologia, e no estudo do folclore e religião, um deus, deusa, espírito, homem, mulher, que prega peças ou fora isso desobedece regras normais e normas de comportamento.

O desvirtuamento conceitual do que é Exu mostra claramente a cegueira espiritual em que pessoas mesquinhas tentam se aproveitar, mas o importante é saber que atraindo o baixo nível astral é que ele poderá encontrar os verdadeiros parâmetros e encaminhá-lo no seu devido tempo às origens essenciais desses seres. (...) Não se pode menosprezar um *Exu de lei*. Procure compreendê-lo. Não se pode brincar, satirizar ou ironizar seus métodos, sua importância maior está em atrair aqueles que gostam de ficar de olhos vendados para a luz; dentro de *Aumbandam* foi assim determinado e somente desse modo é que os “cegos” poderiam saber da existência da luz. (...) Seus conhecimentos ultrapassam aquilo que muitos querem, ou seja: dar solução aos casos financeiros, de romance, de sexo e de toda ordem material, só ele sabe como bem resolver tudo isto, mas ele é acima de tudo o ponto de equilíbrio entre os que estão na escuridão e os que estão na luz, mesmo que muitas vezes use essa mesma escuridão para que muitos deem valor para a luz. (...) E se seus olhos acostumaram e gostam de ficar vendados, não se espantem, serei eu, *Exu de lei*, a tirar suas vendas no tempo certo, do meu modo e do meu método, quer vocês queiram ou não. (RIVAS, 1992, p. 96-97)

Concluindo esse breve estudo, acredito que uma das várias definições possíveis para a função de Exu seja a de educador.

Quando Olorum criou Exu, entre outras funções, determinou que ele punisse aqueles que não cumprissem seus compromissos com a sociedade e com a Criação Divina. Deveria haver punição para quem não fizesse a oferenda, o ebó como no caso do oriki¹² da vendedora do mercado que foi ajudada por Exu e não cumpriu sua obrigação de retribuir o bem recebido que era fazer o ebó, sendo castigada por Exu que fez com que ela perdesse sua barraca na feira e sua casa. Nesse caso, o ensinamento que Exu quer passar é a necessidade da gratidão, da responsabilidade com suas obrigações.

E na genealogia de Exu observa-se que ele é disciplinado, tanto que ele ficou 16 anos, observando e aprendendo com Oxalá a fazer seres humanos e Oxalá reconhecendo seu esforço o recompensou estabelecendo que todas as pessoas que chegassem à sua casa deveriam entregar também oferendas para Exu. E é essa disciplina, essa dedicação ao trabalho que tem Exu, que ele cobra dos seres humanos. É o Exu educador.

Faço essas reflexões para tentar fazer uma interpretação do Exu iorubá e compreender o Exu umbandista. Ao longo da história, vários povos precisaram de elementos de origem divina atuando como disciplinadores, em determinados períodos da sua existência. O mesmo ocorreu com o povo iorubá. Por isso, foi necessária a criação da figura do Orixá Exu no seu

¹² Os Oriki (do iorubá, ori=cabeça; ki=saudar) são versos, frases ou poemas que saúdam o orixá. Disponível em: www.umbanda-candomblé.comunidades.net/rezas-oriki. Acesso em 22 de dez de 2020.

panteão. Entendo que a divindade pode ser interpretada segundo as características, o caráter de um povo.

E na Umbanda não é diferente, o Exu como interpretado hoje, é o disciplinador. Os Pretos Velhos, Caboclos ou Crianças representam a sabedoria, a bondade e a alegria. Não que os Exus não possam ter também essas características, mas as suas responsabilidades estão acima disso. Aqueles que persistem no erro, como diz o texto acima, que estão de olhos vendados precisam ser enquadrados, precisam ser educados. E quem vai promover esta educação é o Exu educador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Paulo Newton de. *Umbanda, A Caminho da Luz*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.
- ALMEIDA, Paulo Newton de. *Umbanda Século XX*. Rio de Janeiro: Editora Signo Ltda., 1977.
- A PRIMEIRA TENDA DE UMBANDA. Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade. Disponível em: < <https://www.tensp.org/>> Acesso em 04 de dezembro de 2020.
- BAHIA, Joana; NOGUEIRA, Farlen. Tem Angola na Umbanda? Os usos da África pela Umbanda Omolocô. *Revistas Transversos*. Rio de Janeiro. nº 13, MAI-AGO, 2018. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/29342/26089>> Acesso em: 04 de dezembro de 2020.
- BASTIDE, Roger. *As Religiões Africanas no Brasil*. Tradução: Maria Eloisa Capellato; Olívia Krahenbuhl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971.
- BIRMAN, Patrícia. *O que é Umbanda*. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.
- BROWN, Diana DeG. *Umbanda: religion and politics in urban Brazil*. New York: Columbia University Press, 1994.
- BROWN, Diana. Novo Preto Velho. [entrevista concedida a] Marcelo Beraba. *Folha de São Paulo*. São Paulo. 30 de março de 2008. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3003200805.htm>>. Acesso em: 14 de dezembro de 2020.
- COZTA, André. *O Anfitrião do Campo Santo. Ditado pelo Senhor Exu Caveira*. São Paulo: Madras, 2014.
- CUMINO, Alexandre. *História da Umbanda: uma religião brasileira*. São Paulo: Madras, 2010.
- CUMINO, Alexandre. *Exu não é Diabo*. São Paulo: Madras, 2018.
- FONTENELLE, Aluízio. *Exu*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora, 1954.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo de 2010: número de católicos cai e aumenta o número de evangélicos, espíritas e sem religião. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo>. Acesso em: 12 de dez. 2020 Rio de Janeiro: IBGE, 2012.
- ISAIA, Artur Cesar. Ordenar Progredindo: a obra dos intelectuais de umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. *Anos 90*, Porto Alegre, v,7 n.11 julho de 1999. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6544>> Acesso em: 12 de dezembro de 2020.
- JORGE, Érica; CARNEIRO, João. A pesquisa em religiões afro-brasileiras: pertencimento religioso e ética em pauta. *Paralellus*, Recife, v.6, n.13, p. 391-406, jul./dez.2015. Disponível

em: < <http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/646>> Acesso em: 12 de dezembro de 2020.

MARIANO, Ricardo. Pentecostais em Ação: A demonização dos cultos afro-brasileiros. In: Silva, Vagner Gonçalves da. *Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

MATTA e SILVA, W. W. da. *Lições de Umbanda e (Quimbanda) na palavra de um “Preto Velho”*. 6ª ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1995.

MATTA e SILVA, W. W. da. *Umbanda e o poder da mediunidade*. São Paulo: Ícone, 1997.

MIRANDA, Pedro. Entrevista ao *Jornal Nossa Seara* ano VI nº 64. Rio de Janeiro: Seara Espiritualista Falangeiros da Aruanda, 2013. Disponível em: < <http://falangeirosdaaruanda-sefa.blogspot.com/2013/04/>> Acesso em: 04 de dezembro de 2020.

OLIVEIRA, José Henrique Motta de. *Das Macumbas à Umbanda: uma análise histórica da construção de uma religião brasileira*. Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2008.

OLIVEIRA, José Henrique Motta de. *A Escrita do Sagrado na Literatura Umbandista: uma análise da obra de Matta e Silva em perspectiva comparada*. 2017. 334f. Tese (Doutorado em História Comparada). Instituto de História. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

PEIXOTO, Norberto. *Umbanda Pé no Chão: um guia de estudo orientado pelo Espírito Ramatís*. Limeira: Editora do Conhecimento, 2008.

PEIXOTO, Norberto. *Exu: o poder organizador do caos*. Porto Alegre: Besouro Box, 2016.

PEIXOTO, Norberto. *No Reino de Exu: a retificação do destino*. Porto Alegre: Besouro Box, 2018.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. Ilustrações Pedro Rafael. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. *Revista USP*, (50), 46-63, junho/agosto 2001. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35275>> Acesso em: 13 de dezembro de 2020.

PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DO ESPIRITISMO DE UMBANDA. Rio de Janeiro: Federação Espírita de Umbanda, 1942.

RIVAS NETO, Francisco. *Exu: o grande arcano*. São Paulo: Ícone, 1993.

RIVAS, Wilson T. *Umbanda é Luz: mensagens ditadas por espíritos diversos*. 2ª ed. São Paulo: Ícone, 1992.

RODRIGUES, Raimundo Nina. *O Animismo Fetichista dos Negros Baianos. Apresentação e notas: Yvonne Maggie, Peter Fry*. Ed. Fac-símile. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Editora UFRJ, 2006.

SANTOS, Robson Pinheiro. *Tambores de Angola. Ditado pelo Espírito Ângelo Inácio*. 5. ed. Contagem: Casa dos Espíritos, 2000.

SARACENI, Rubens. *Orixá Exu: fundamentação do mistério Exu na umbanda*. São Paulo: Madras, 2013.

SILVA, Vagner Gonçalves Da. *Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira*. Ilustrações: Olavo Cavalcanti. 5ª ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.

SILVA, Vagner Gonçalves Da. *O Antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras*. 1ª ed., 2ª reimpr. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2015.

SOUZA, Leal. *O Centro Nossa Senhora da Piedade. A Noite, Rio de Janeiro, 7 de Maio de 1924. No Mundo dos Espíritos*. Disponível em: < <https://www.tensp.org/historia> > Acesso em: 10 de novembro de 2020.

SOUZA, Leal de. *O Espiritismo, a magia e as sete linhas de Umbanda*. 2ª ed. Limeira: Editora do Conhecimento, 2008.

TRINDADE, Diamantino. Apresentação. In: Souza, Leal de. *O Espiritismo, a magia e as sete linhas de Umbanda*. 2ª ed. Limeira: Editora do Conhecimento, 2008.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. *A Construção histórica da literatura umbandista*. Limeira: Editora do Conhecimento, 2010.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. *Você sabe o que é macumba? Você sabe o que é Exu?* São Paulo: Ícone, 2013.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: Nunes, Edson Oliveira (org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

VELHO, Yvonne Maggie Alves. *Medo do Feitiço: relações entre poder e magia no Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás: Deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. Tradução: Maria Aparecida da Nóbrega. Salvador: Corrupio, 1981.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Lendas africanas dos Orixás*. Tradução: Maria Aparecida da Nóbrega. 4ª ed. Salvador: Corrupio, 1997.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Notas sobre o culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África*. Tradução: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. 2. ed., 1 reimpr.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

ANEXOS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
SISTEMA INTEGRADO DE PATRIMÔNIO, ADMINISTRAÇÃO E
CONTRATOS

FOLHA DE ASSINATURAS

Emitido em 2021

TERMO Nº 791/2021 - PPGCS (12.28.01.00.00.00.91)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 20/07/2021 17:24)

CARLY BARBOZA MACHADO

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

DeptCS (12.28.01.00.00.00.83)

Matrícula: 1794090

(Assinado digitalmente em 20/07/2021 15:40)

CLEITON MACHADO MAIA

ASSINANTE EXTERNO

CPF: 112.935.747-32

(Assinado digitalmente em 04/08/2021 10:42)

ANA PAULA PEREIRA DA GAMA ALVES RIBEIRO

ASSINANTE EXTERNO

CPF: 071.417.757-14

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufrrj.br/documentos/> informando seu número:
791, ano: 2021, tipo: TERMO, data de emissão: 20/07/2021 e o código de verificação: d025bd2f79
